



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE ARTES – IdA**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – CEN**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES**

**ARIANE PATRÍCIA DA SILVA FERNANDES**

**DO SILÊNCIO AO DIÁLOGO: proposições para o ensino de Libras por meio do teatro**

**BRASÍLIA**

**2021**

ARIANE PATRÍCIA DA SILVA FERNANDES

DO SILÊNCIO AO DIÁLOGO: proposições para o ensino de Libras por meio do teatro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional – PROFARTES – do Instituto de Artes, da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestra em Artes na área de concentração de Ensino de Artes – Artes Cênicas, na linha de pesquisa em Processos de Ensino Aprendizagem e Criação em Artes.

Orientador: Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro.

BRASÍLIA

2021

Ds

DA SILVA FERNANDES, ARIANE PATRÍCIA  
DO SILÊNCIO AO DIÁLOGO: proposições para o ensino de  
Libras por meio do teatro / ARIANE PATRÍCIA DA SILVA  
FERNANDES; orientador JOSÉ MAURO BARBOSA RIBEIRO. --  
Brasília, 2021.  
97 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes) --  
Universidade de Brasília, 2021.

1. Libras. 2. Expressão. 3. Inclusão. 4. Surdos. 5.  
Cênica. I. BARBOSA RIBEIRO, JOSÉ MAURO, orient. II. Título.

ARIANE PATRÍCIA DA SILVA FERNANDES

**DO SILÊNCIO AO DIÁLOGO: proposições para o ensino de Libras por meio do teatro.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional – PROFARTES – do Instituto de Artes, da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestra em Artes na área de concentração de Ensino de Artes – Artes Cênicas, na linha de pesquisa em Processos de Ensino Aprendizagem e Criação em Artes.



---

Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro – Orientador  
PROF-ARTES/CEN/IdA/UnB

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dra. Clarice da Silva Costa – Membro Interno  
PROF-ARTES/CEN/IdA/UnB



---

Prof. Dr. Arão Nogueira Paranaguá de Santana – Membro Externo  
UFMA

---

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso – Suplente  
PROF-ARTES/CEN/IdA/UnB

Aprovado em: 14 / 05 / 2021

Aos meus pais, Gabriel Arcanjo (in memoriam) e Maria Nazaré, que com sua força foi a mola propulsora que permitiu o meu avanço até hoje, mesmo durante os momentos mais difíceis.

## AGRADECIMENTOS

Durante esses dois anos de Mestrado, de muito esforço e dedicação, quero prestar meus sinceros agradecimentos a algumas pessoas que me acompanharam nessa jornada e que foram fundamentais nesse processo. Por isso, expresso aqui em poucas palavras o quão grata sou por vocês terem feito parte dessa tão sonhada conquista, contribuindo com cada gesto de carinho e amor, cada palavra de apoio proferida e todo suporte moral dispensado a mim. A começar pela minha mãe, Nazaré, meus filhos, Caliel, Caline e Caila, meu esposo, Sheilo, e meus irmãos, Jean e Leandro, pela compreensão, ao serem privados de minha companhia e atenção em muitos momentos e pelo apoio, ao me motivarem sempre e me ajudarem a chegar até aqui.

Minha gratidão especial ao meu orientador, Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro, por sua dedicação, por ter acreditado e depositado sua confiança em mim ao longo desse processo de escrita e construção. Sem sua orientação, nada disso seria possível.

Um obrigada especial ao meu grande amigo, Jailson Araújo Carvalho, por ser uma referência de professor e ser humano para mim, pelas dicas e conselhos e por todo apoio nessa pesquisa.

Às minhas primas/irmãs, Amona Priscila e Diolina Santiago, por estarem comigo nessa caminhada, compartilhando das aflições, das dúvidas e dos questionamentos que iam surgindo.

Às minhas amigas e, em especial, à Marileuza e à Jéssica Laís que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim.

Às amigas e amigos que esse mestrado me presenteou e, especialmente, à Andreia Melati, à Edgleuma Pereira e ao Pedro da Silva pelo companheirismo, pelas trocas de experiências, de carinho e aprendizados que realizamos juntos.

À minha amiga e diretora do CEM 02 de Planaltina, Sonara Liana, pela confiança no meu trabalho e pelo suporte na realização dos projetos e nessa Formação Profissional.

Aos professores, Graça Veloso, Paulo Bareicha, Maria Cristina, Maria Isabel, André Luís, Rafael Vilas Boas e Clarice Costa, pelas orientações e ensinamentos e pela motivação em ser uma professora melhor.

Ao Programa de Mestrado Profissional Stricto Sensu em Artes – PROF-ARTES – UnB e à banca de avaliação: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (PROF-ARTES/CEN/IdA/UnB) e Prof. Dr. Arão Paranaguá de Santana (Universidade Federal do Maranhão), pela oportunidade de crescimento intelectual e profissional.

“Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma”.

Augusto Boal

## RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo refletir sobre caminhos e possibilidades de ampliação da expressividade corpórea de estudantes no processo de ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras. As oficinas de Libras e de teatro foram os instrumentos potencializadores da atividade pedagógica. A aplicação dessa pesquisa se deu na turma do 1º ano C do CEM 02 de Planaltina, ofertada como disciplina de PD – Parte Diversificada e *à posteriori* como curso no 14º Batalhão de Polícia para a comunidade. Discorreu-se ainda sobre a história dos Surdos, sobre as perspectivas das expressões corporais, bem como sua relevância na tradução da Língua Brasileira de Sinais e sobre as experiências pedagógicas dos Surdos no ambiente escolar. Serviram de base para sustentação dessa pesquisa e desenvolvimento do intento pedagógico, os estudos de vários autores, dentre eles Quadros e Karnopp, Soares, Azevedo e Lecoq. Na sistematização da pesquisa, foi possível apontar possibilidades de diálogo entre os movimentos corporais e os instrumentos pedagógicos de ensino, possibilitando uma maior comunicação/inclusão dos estudantes com surdez no processo de aprendizagem em sala de aula.

**Palavras-chave:** Libras. Expressão. Inclusão. Surdos. Cênica.



## **ABSTRACT**

This research aimed to reflect on ways and possibilities of expanding the body expressiveness of students in the process of teaching and learning the Brazilian Sign Language – Libras. The workshops of Libras and theater were the tools that potentiated the pedagogical activity. The application of this research took place in the class C of 1st year of CEM 02 in Planaltina, offered as a discipline of DP – Diversified Part and after as a course in the 14th Police Battalion for the community. It was also discussed the history of the Deaf, about the perspectives of body expressions, as well as their relevance in the translation of the Brazilian Sign Language and about the pedagogical experiences of the Deaf in the school environment. The studies of several authors, among which Quadros and Karnopp, Soares, Azevedo and Lecoq, served as a basis for supporting this research and the development of the pedagogical intent. In the systematization of the research, it was possible to point out possibilities for dialogue between body movements and teaching pedagogical instruments, enabling greater communication/inclusion of students with deafness in the learning process in the classroom.

**Keywords:** Libras. Expression. Inclusion. Deaf. Scenic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo Internacional de Surdez.....	28
Figura 2 – Sinalização da palavra “tarde” na Língua Brasileira de Sinais, em Brasília, Distrito Federal. ....	35
Figura 3 – Sinalização da palavra “tarde”, na Língua Brasileira de Sinais, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. ....	35
Figura 4 – Mutismo. ....	39
Figura 5 – Resistência passiva, Teimosia.....	39
Figura 6 – Tipo de expressões faciais.....	41
Figura 7 – Dança dos anos 60. ....	50
Figura 8 – Dublagem do grupo <i>Dire Straits</i> .....	50
Figura 9 – Teatro em Libras.....	51
Figura 10 – Divulgação da seleção para Festival de Teatro na Escola. ....	54
Figura 11 – Os Saltimbancos, personagem do Jumento sinalizando em Libras.....	57
Figura 12 – Os Saltimbancos, fim do espetáculo. ....	57
Figura 13 – Os Saltimbancos, música <i>Dorme a Cidade</i> . ....	58
Figura 14 – Aula de PD – Libras, cadeiras em U.....	62
Figura 15 – Aula de PD- Libras, jogo dos números. ....	63
Figura 16 – Aula de PD- Libras. ....	64
Figura 17 – Aula de PD- Libras, sinal de “mês”.....	66
Figura 18 – Aula de PD – Libras, jogo das frutas. ....	67
Figura 19 – Aula de PD – Libras, planejando o trabalho final. ....	70
Figura 20 – Aula de PD – Libras, ensaio. ....	71
Figura 21 – Aula de PD – Libras, ensaio. ....	71
Figura 22 – Aula de PD – Libras, apresentação. ....	72
Figura 23 – Aula de PD – Libras, apresentação. ....	72
Figura 24 – Aula de PD – Libras apresentação. ....	73
Figura 25 – Flyer de divulgação do curso de Libras no 14º.Com. ....	75
Figura 26 – Nome dos sorteados para o curso de Libras no 14º.Com. ....	76
Figura 27 – O Sabor da Lua. ....	79
Figura 28 – A Formiga e a Cigarra.....	80
Figura 29 – A Galinha Ruiva.....	80
Figura 30 – O Casamento de Dona Baratinha. ....	81
Figura 31 – Fofoca na Fazenda. ....	81



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEE	Aluno com Necessidade Educacional Especial
art.	Artigo
BPM	Batalhão de Polícia Militar
CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
CEM 02	Centro de Ensino Médio 02
CF	Constituição Federal
EAPE	Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação
FADM	Faculdade de Artes Dulcina de Moraes
FEDF	Fundação Educacional do Distrito Federal
FUNDATHOS	Fundação Athos Bulcão
GDF	Governo do Distrito Federal
h	Hora
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L1	Língua Primeira
L2	Língua Segunda
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Libras	Língua Brasileira de Sinais
n.	Número
PAED	Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PD	Parte Diversificada
PM	Polícia Militar
PSL	Português como Segunda Língua
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 UM BREVE MERGULHO NA HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....</b>	<b>20</b>
1.1 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA TRAJETÓRIA DE ENCONTROS, DESCOBERTAS, IDENTIFICAÇÃO E ENCANTAMENTO .....	20
1.2 O LADO SOMBRIO DE SER SURDO NA ANTIGUIDADE.....	23
1.3 LEGALMENTE FALANDO.....	26
1.4 LETRAMENTO .....	30
<b>1.4.1 O Letramento na aquisição da Língua Brasileira de Sinais.....</b>	<b>33</b>
<b>2 PERSPECTIVAS DAS EXPRESSÕES CORPORAIS.....</b>	<b>36</b>
2.1 A EXPRESSIVIDADE CORPÓREA NAS ARTES DA CENA .....	37
2.2 A RELEVÂNCIA DA EXPRESSÃO CORPORAL NA TRADUÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	40
<b>2.2.1 A expressão facial .....</b>	<b>41</b>
<b>2.2.2 Libras e processo de criação cênica .....</b>	<b>42</b>
<b>3 PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS INCLUSIVAS .....</b>	<b>45</b>
3.1 A HISTORICIDADE DA ESCOLA .....	45
3.2 OS SURDOS INCLUÍDOS NA CULTURA OUVINTE.....	46
3.3 A INCLUSÃO DOS OUVINTES NA CULTURA SURDA .....	51
<b>3.3.1 Aula 01.....</b>	<b>61</b>
<b>3.3.2 Aula 02.....</b>	<b>63</b>
<b>3.3.3 Aula 03.....</b>	<b>65</b>
<b>3.3.4 Aula 04.....</b>	<b>66</b>
<b>3.3.5 Aula 05.....</b>	<b>67</b>
<b>3.3.6 Aula 06.....</b>	<b>68</b>
<b>3.3.7 Aula 07.....</b>	<b>69</b>
<b>3.3.8 Aula 08.....</b>	<b>69</b>
<b>3.3.9 Aula 09.....</b>	<b>70</b>
<b>3.3.10 Avaliação do processo realizado .....</b>	<b>71</b>
3.4 O IMPACTO DO TRABALHO NA COMUNIDADE .....	74
<b>3.4.1 O curso de língua brasileira de sinais.....</b>	<b>76</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>90</b>

<b>APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E NOME PARA ADULTOS.....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E NOME PARA MENORES DE IDADE .....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>94</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve por objetivo refletir sobre caminhos e possibilidades de ampliação da expressividade corpórea de estudantes no processo de ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, visando uma melhor comunicabilidade entre estudantes Surdos e ouvintes no ambiente escolar, a partir da experimentação estética teatral como facilitador pedagógico na e para a dilatação do conhecimento.

A partir de experimentações pedagógicas realizadas em sala de aula, durante a oficina de Libras ministrada e o curso de Libras realizado *a posteriori*, foi possível apontar possibilidades de diálogo entre os movimentos corporais em questão e os instrumentos pedagógicos de ensino na inclusão dos estudantes com surdez durante o processo de aprendizagem em sala de aula. Contudo, objetivou-se uma maior interação entre estudantes Surdos e ouvintes<sup>1</sup> estabelecendo uma comunicação simples por meio da Libras, sendo a linguagem teatral, um instrumento de incentivo à expressão comunicacional estética/artística.

A razão de todo esse meu interesse na temática pesquisada começou no ano de 2004 quando fui removida do CEF 05 para o CEM 02 e, um dia, ao ingressar em uma sala de terceiro ano, deparei-me com os olhos fixos de duas estudantes com surdez<sup>2</sup>, ao passo que os outros estudantes informaram que elas eram Surdas. Como é comum para muitos profissionais brasileiros da educação que não têm conhecimento da Libras, fiquei atônita e sem reação, sem saber o que fazer e como fazer para me comunicar com aquelas estudantes.

A partir desse contato com discentes sem capacidade de ouvir e ao perceber a pouca interação entre esses estudantes Surdos e ouvintes em sala de aula, compreendi o grande problema da convivência entre eles. A falta de interação e de comunicação entre esses estudantes me tocou e fez com que eu desenvolvesse esta pesquisa. Há uma carência de letramento em Libras na maioria dos estudantes das escolas de todo o Brasil, ao qual estabelece-se uma barreira comunicativa entre estudantes Surdos e ouvintes. Com isso, essa ausência do conhecimento de uma língua falada ou sinalizada causa um distanciamento desses discentes que vai ocasionar numa segregação dos estudantes Surdos em sala de aula.

Assim, faz-se importante destacar que a comunicação e a surdez estão intimamente ligadas à arte pela necessidade de transmissão de mensagens e sentimentos por meio de movimentos do corpo, ou seja, da habilidade de transformar a mensagem escrita ou falada. Como exemplo, transformar uma música, um poema ou pequenos textos teatrais, como

---

<sup>1</sup> “Ouvintes” é um termo utilizado pela comunidade surda para se referir às pessoas não surdas.

<sup>2</sup> A surdez se caracteriza pela perda (em maior ou menor grau) da percepção normal dos sons.

esquetes, em performance utilizando toda a expressividade corporal e toda emoção para executá-la.

Foi exatamente essa pouca interação e comunicação entre Surdos e ouvintes no ambiente escolar, a exclusão dos estudantes Surdos nas atividades culturais, artísticas e pedagógicas desenvolvidas na escola, e a falta de um olhar para essa língua que estava imersa nesse ambiente e que muitos a invisibilizavam, que me conduziram a buscar algo para tentar mudar esse cenário e minimizar a exclusão então instaurada. Visando construir meu processo de trabalho, me propus a montar grupos de trabalhos com estudantes Surdos e ouvintes na tentativa de incluí-los nessa ação pedagógica e corroborar com a interação entre eles de modo a potencializar os laços afetivos. Daí em diante, todos os trabalhos que tinham de ser feitos, eram com apresentações teatralizadas, pois, além de ajudar a fortalecer o entendimento do conteúdo estudado, corroborava para difundir a arte nas dependências da escola.

É preciso destacar que a Libras é a língua materna do Surdo, é a primeira língua ensinada àqueles que nascem com surdez e que muitos, por não a conhecerem e não saberem falar em Libras, por vezes, preferem evitar o contato com seus usuários.

Nesse ínterim, percebeu-se que nas aulas de Artes, por exemplo, de intensa dinâmica e interação – oportunidade ímpar de participação coletiva e integral dos alunos Surdos de apresentarem suas habilidades corporais e de comunicação –, era sempre preciso a atuação do mediador na figura do intérprete de Libras para transmitir a mensagem. Mas era frustrante se esse mediador não estivesse presente para incluí-los nas atividades, pois lhes era incumbida apenas a tarefa de pesquisar os trabalhos em livros e na *internet*, copiá-los e entregá-los como forma de participação nas atividades.

Durante o processo foi possível observar que se os estudantes ouvintes e os professores possuísem um mínimo conhecimento de Libras ou se arriscassem para fazer uso das expressões corporais na tentativa de estabelecer uma comunicação com o estudante Surdo, a exclusão deste último nas atividades pedagógicas individuais e coletivas poderia ser minimizada ou erradicada. Assim, a presente pesquisa buscou promover algum impacto social para a motivação dos sujeitos ouvintes na busca pelo aprendizado da língua de sinais e no contato com o sujeito Surdo, potencializando a interação entre os pares e a participação do ouvinte na cultura surda.

De modo particular, durante todos esses anos trabalhando com estudantes Surdos, foi possível desenvolver com os mesmos trabalhos pedagógicos e culturais a fim de inseri-los nas propostas de atividades coletivas e individuais da cultura ouvinte. Muitas participações



ficaram marcadas na trajetória da história desses estudantes na escola, tais como: danças, teatro, dublagens, vídeos e curta-metragens.

De fato, a oficina de Libras ofertada para os estudantes ouvintes e o curso de Libras ministrado para os professores não tinham a intenção de sanar o problema da exclusão e da pouca comunicação com o estudante Surdo, mas, sim, permitir a busca, o conhecimento e a pesquisa para a construção do conhecimento na língua em comento, despertando a possibilidade de fazer uso do corpo e de suas expressões para a devida comunicação, pois, o corpo é um instrumento de comunicação, bastando somente saber utilizá-lo. A intenção desses intentos foi de semear o ensino da Libras para que os sujeitos que não possuem surdez se tornem autônomos na busca pelo aprendizado dessa língua, com ênfase no papel da arte dentro do processo de ensino-aprendizagem.

A pouca interatividade entre os estudantes Surdos e os ouvintes, aliada à falta de conhecimento da Libras por parte dos discentes ouvintes, provoca uma série de situações de exclusão dos estudantes Surdos dentro do ambiente escolar. Diante destas questões, esta pesquisa buscou refletir sobre as perspectivas da dilatação expressiva do corpo em Libras unido ao teatro como ações que possibilitam a comunicação dos pares. Para tal, foi ofertado uma oficina de Libras aos sujeitos da pesquisa para que a compreensão da língua não fosse limitada a gestos mecânicos ou robotizados e, sim, a uma fala com todo o corpo.

Dessa maneira, buscou-se a identificação das expressões corporais dos estudantes, Surdos e ouvintes, fundamentado na expressividade corpórea em Libras. Assim, o aumento ou alargamento expressivo corporal se deu com a utilização das técnicas teatrais tais como propostas de atuação a partir de jogos dramáticos com a intenção de potencializar o diálogo entre os estudantes Surdos e ouvintes. Além disso, essas atividades foram utilizadas como aspecto motivacional para o processo de produção cênica.

A partir dessas reflexões é que se chegou ao foco principal da presente pesquisa, que obteve como objetivo geral: Procurar e refletir sobre caminhos e possibilidades para ampliação da expressividade corpórea de estudantes no processo de ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a partir da experimentação estética teatral como facilitador pedagógico na e para a dilatação do conhecimento; e como objetivos específicos:

- Identificar as expressões utilizadas na atuação cênica pelo sujeito do aprendizado no trabalho com experiências corporais;
- Analisar as estratégias utilizadas pelos estudantes Surdos para se expressarem e comunicarem com os estudantes ouvintes que são leigos em Libras;

- Refletir sobre a utilização do ensino da Libras para a promoção da comunicação entre sujeitos Surdos e sujeitos ouvintes; e
- Investigar a relação entre as expressões corporais na Libras e na atuação cênica.

Em face disso, a revisão bibliográfica aqui empreendida possibilitou identificar o tema de pesquisa em outros trabalhos com relatos de experiências que serviram de inspiração. Logo, a investigação se deu via pesquisa qualitativa, com foco nas expressões, nos sentimentos e nos comportamentos, fazendo uso de observação participante.

No processo de busca, foi possível identificar pesquisas ao encontro do propósito das linhas que se seguem, tais como: Freitas (2014), Choi (et al) (2011), Soares (2005), Bordenave (2006), Lecoq (2010) e Azevedo (2004), que trouxeram sustentação para o desenvolvimento do intento.

Como questão basilar dessa pesquisa, discorro sobre a oficina de Libras ofertada na escola para uma turma mesclada com estudantes Surdos e ouvintes, no intuito de instigar a curiosidade em uma língua sinalizada e motivar a comunicação em Libras em sala de aula. Com o impacto desse processo desenvolvido por mim na escola e que teve grande repercussão dentro e fora dos muros da escola, que reverberou em toda comunidade de Planaltina, foi possível realizar um curso de Libras no 14º Batalhão de Polícia da cidade a convite de seu Comandante, no intuito de contemplar aqueles que buscavam interagir com a comunidade surda fora do contexto escolar, onde descrevo detalhadamente no terceiro capítulo.

Durante a realização dessa oficina procurei ampliar um olhar mais estético na atuação em Libras e uma reflexão da relação entre as expressões corporais de Libras e da linguagem teatral na oficina e no curso de Libras. O desfecho dessas ações pedagógicas teve como produto uma produção artística mais elaborada, em que desenvolveram a criatividade ao agregarem elementos teatrais como cenário, figurino e maquiagem, que intensificaram as atuações no palco, corroborando com os estudos relacionados às temáticas das aulas e contribuindo com a inclusão da Libras na comunidade ouvinte.

Assim, tal oficina se deu em uma turma com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do CEM 02, onde a maioria era ouvintes e os Surdos eram a minoria. E com base nas orientações de Quadros e Karnopp (2004) e Lecoq (2010), e tendo as experiências da pesquisadora como suporte aliada à bagagem que os estudantes trazem consigo, deu-se a metodologia aqui aplicada.

Diante do exposto, as linhas que se seguem se deram com a seguinte divisão:

- Introdução: onde se tem o relato de minha trajetória, uma breve exposição dos capítulos que se seguem – onde se buscou analisar o processo proposto – e das considerações finais sobre o resultado aqui obtido;

- Primeiro capítulo: onde se expõe como me tornei professora, proporcionando-me o objeto de pesquisa outrora apresentado, com base nas teorias de Quadros e Karnopp (2004), Soares (2005) e Choi (et.al) (2011) – autores dedicados à causa surda. Sob o título *Um breve mergulho na história da Língua Brasileira de Sinais*, onde primeiramente apresento um recorte da minha trajetória que antecede meu contato com a Libras e minha experiência no CEM 02, tem um pouco da história da educação do Surdo no Brasil, evidenciando a trajetória de uma comunidade que foi discriminada crucialmente e que logrou muitas vitórias dentro de um processo de busca por direitos, respeito e equidade educacional e social. Nos subtítulos *O lado sombrio de ser surdo*, *Legalmente falando...* e *Letramento*, há um relato do histórico da convivência social do Surdo na sociedade e o processo de início da educação, evidenciando os ditames conquistados pela comunidade surda após lutas cansativas, a aquisição da língua de sinais e a atuação do intérprete de Libras no processo de aprendizagem do Surdo;

- Segundo capítulo: intitulado *A perspectiva das expressões corporais*, onde há a relevância dessas expressões na comunicação com o outro. Nos subtítulos *Expressividade corpórea nas artes da cena* e *A relevância da expressão corporal para a Língua Brasileira de Sinais*, expuseram-se as perspectivas dessas expressões e seus mecanismos na comunicação em Libras e na atuação cênica, com base nas teorias de Azevedo (2004), Veloso (2008) e Lecoq (2010);

- Terceiro capítulo: onde partilho as experiências inclusivas vivenciadas em minha atuação como professora de Artes e intérprete de Libras, visando a promoção da participação do estudante Surdo nas atividades avaliativas e culturais do ambiente escolar. Tal experiência foi apresentada em duas etapas, a saber: 1) Analisei a problemática dos “Surdos na cultura ouvinte” – processo onde o Surdo é quem tem que se adaptar à cultura ouvinte, enquanto não há nada adaptado para aquele sujeito; e, 2) A “inclusão dos estudantes ouvintes na cultura surda” – o ouvinte vivencia e compartilha da experiência da pessoa com surdez, aprendendo sua língua e partilhando com equidade o processo de ensino-aprendizagem. Aborda com relevância o impacto do trabalho na comunidade onde é relatado sobre a repercussão que a oficina de Libras ministrada no Centro de Ensino Médio 02 reverberou na comunidade, ao ponto de ser convidada, pelo comandante do 14º Batalhão de Polícia Militar, a ministrar um curso de Libras nas dependências desse Batalhão para a comunidade local. A

partir daí, tem-se a integração de duas culturas, com base no ensino de Libras e na experiência estética artística; e

- Nas Considerações finais, onde foram desenvolvidas reflexões sobre o processo analisado, que resultou não só na aquisição da linguagem expandida da comunicação em sala de aula como também percorreu os corredores da escola e impactou toda a comunidade escolar, como exemplo a procura pelo curso de Libras, que me veio a convite do Comandante do 14º Batalhão de Polícia Militar da cidade.

## **1 UM BREVE MERGULHO NA HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

### **1.1 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA TRAJETÓRIA DE ENCONTROS, DESCOBERTAS, IDENTIFICAÇÃO E ENCANTAMENTO**

Minha relação e meu envolvimento com a arte vêm desde pequena. Aos 9 anos de idade, toquei clarinete na banda de música da escola. Tinha uma imensa paixão por música, pelo som que meu instrumento fazia; era lindo, suave; a música dali nascida era encantadora. Na banda de música em questão eram apenas quatro mulheres em meio a uns 20 rapazes. Eu era a mais nova de todos; logo, a “mascote” da turma. O maestro – professor Limeira – não nos ensinou apenas a tocar um instrumento ou ler uma partitura, mas, sim, o respeito, o cuidado com o próximo e a união – valores de suma importância no desenvolvimento de todos os partícipes da banda enquanto seres humanos e que fizeram toda a diferença em nossas vidas. Ele nos ensinou, acima de tudo, a amar a música. Lá permaneci por aproximadamente quatro anos.

De fato, tenho gosto pela arte desde a infância e a adolescência: nos desenhos das aulas de artes, nos trabalhos de teatro e nas aulas de jazz, aeróbica e capoeira. A arte e eu sempre estivemos conectadas de algum modo, mas a consciência da estética da arte e toda a sua história somente adquiri quando do curso de graduação em Educação Artística na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – FADM. Escolhi o curso de Artes porque sempre estive ligada à questão, ao passo que não poderia e não me percebia em outro curso de graduação. Ali ingressei por essa ligação e pela vontade de melhor conhecer a Artes, de descobrir novas formas artísticas e de adquirir novas experiências nessa área.

Nesse sentido, nunca tive pretensão de cursar Artes para ser uma atriz ou artista famosa, mas, sim, de ensinar; queria pôr em prática todo aprendizado e passar meu conhecimento para outrem. Pensava nos trabalhos que eu poderia criar, nas peças que pudesse montar, uma vez que na escola participava de peças; logo, queria fazer montagens. Foi na FADM que, de fato, me descobri professora e era isso que eu queria ser.

Em 2001, no meu último semestre da faculdade, tive a felicidade de passar no concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF (na época, Fundação Educacional do Distrito Federal – FEDF) para lecionar a disciplina Artes. Estava feliz e realizada.

Ao iniciar minha caminhada rumo a uma nova prática pedagógica como professora de Artes, tinha a oportunidade de vivenciar algo incrível, pois iria pôr em prática

aquilo que aprendi durante os quatro anos da minha graduação. Compartilharia todo aprendizado recebido e faria experiências inovadoras nessa caminhada profissional, observando, sobretudo, a questão da inclusão quando da oportunidade de conhecer uma nova língua: a Língua Brasileira de Sinais – Libras, aprendendo como trabalhar com estudantes usuários dessa língua, incluindo-os no processo de aprendizagem estética e artística. Nesse percurso, vivenciei muitas inquietações que sempre fizeram sair da minha zona de conforto e buscar minimizar as sensações que me angustiavam.

Ao ter contato com as primeiras estudantes Surdas em sala de aula e sem conhecimento da língua delas, tive de improvisar para estabelecer uma comunicação que as contemplasse, utilizando de mímica e da escrita para iniciar uma tentativa de ser compreendida; e, assim, nos entendíamos na medida do possível.

Posteriormente, refleti sobre o tipo de comunicação estabelecida com as estudantes em questão – se realmente elas conseguiam entender-me apenas com a linguagem corporal, sendo o resultado satisfatório. Logo, percebi que o corpo é um instrumento fantástico de comunicação e que faria uso deste para a comunicação com elas, podendo também expressar pensamentos e sentimentos.

Ao sair da aula, fui em busca de informações que pudessem me levar a uma solução deste impasse vivenciado em sala de aula: interagir com estudantes Surdas, não sabendo me comunicar e não conhecendo a Libras. Elas estavam ali e, assim como outros estudantes não Surdos, tinham o mesmo direito à educação – assegurada pelo art. 205 da Constituição Federal – CF de 1988, *in verbis*: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, n. p.).

Ciente dessa problemática, no mesmo ano, dei início ao estudo de Libras, onde participei de vários cursos afins fornecidos pela Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal – EAPE-SEEDF-GDF, bem como de cursos particulares.

No ano seguinte, em 2005, foi autorizada a atuação do profissional intérprete de Libras nas instituições de ensino do Distrito Federal. Diante da experiência e da formação adquirida na língua e por já ter fluência em Libras, fui convidada a fazer parte da equipe de intérpretes do CEM 02. A partir daí, fiz várias descobertas como professora e como cidadã a respeito da língua, da cultura e da comunidade surda. Ingressava, assim, em um mundo que pouco conhecia: uma área rica em informações e cultura.

Percebi que mesmo sendo poucos os professores que ainda se propunham a mergulhar no universo de Libras, nem todos estavam dispostos a aprender para ensinar. De fato, tem-se o interesse de alguns professores em aprender a língua, mas o sistema, por razões centralizadoras, acaba distanciando e dificultando o ingresso desses professores nos cursos por várias razões, sendo a principal: a questão da mobilidade dos docentes em virtude da distância da residência (algo recorrente) para o centro de formação.

O aprendizado de Libras e a convivência com os estudantes Surdos no ambiente escolar abriram-me os olhos para muitos problemas de comunicação internos no ensino em geral, conduzindo-me ao presente estudo e fazendo-me indagar por que os estudantes ouvintes não se aproximam frequentemente dos estudantes Surdos para uma tentativa de diálogo e estabelecimento de uma relação afetiva, bem como sobre a falta de capacitação dos professores e servidores da escola – que não estão aptos para lidar com os estudantes com surdez.

Também me questioneei sobre o fato dos estudantes Surdos não socializarem com os colegas de turma nas atividades coletivas, bem como não apresentarem trabalhos práticos. Eles tinham apenas que entregar os trabalhos escritos, não se preocupando com qualquer tipo de apresentação, como era cobrado dos ouvintes.

Assim, venho desenvolvendo trabalhos com os estudantes Surdos, buscando incluí-los na cultura ouvinte, nas atividades propostas pelos professores do modo mais dinâmico e prático possível.

A experiência de vida dos estudantes Surdos em função do uso da Libras, que é uma língua que utiliza a movimentação corporal e a facilidade de se expressar, também era fundamental para um bom resultado nas apresentações dos trabalhos. Exercícios corporais e jogos teatrais sempre se faziam presentes para melhorar a interação e aprimorar os movimentos de cada gesto. Tais atividades contribuía para uma melhor desenvoltura dos sujeitos do aprendizado na hora de apresentar os trabalhos em sala de aula.

Assim, diante de toda essa dificuldade de comunicação entre estudantes Surdos e estudantes ouvintes, no intuito de disseminar a Libras no ambiente escolar e dispondo-me a compartilhar o aprendizado adquirido com aqueles que tivessem interesse em aprender, ministrei uma oficina de Libras para os professores de minha unidade escolar no horário da coordenação<sup>3</sup>. Os professores ali partícipes, sem dúvida, observaram de outro ângulo o aprendizado, as dificuldades e as potencialidades do estudante Surdo, evidenciando alguma

---

<sup>3</sup> Horário destinado ao planejamento pedagógico do professor. Em geral, se dá no contraturno da regência para aqueles que atuam em carga de 40 horas na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF.

aptidão para a elaboração de estratégias de ensino que contemplem aqueles estudantes, inserindo-os no processo de aprendizagem e avaliativo de modo igualitário aos estudantes que não tem surdez. Tive, portanto, a oportunidade de ministrar a disciplina Parte Diversificada – PD: uma disciplina voltada especificamente para trabalhar com projetos, como o ensino de Libras básico.

## 1.2 O LADO SOMBRIO DE SER SURDO NA ANTIGUIDADE

A história do sujeito surdo na humanidade é tão triste quanto qualquer outra de outrem marginalizados pela sociedade. O sujeito Surdo sempre foi alvo de muito preconceito, sendo, por vezes, aniquilado. O indivíduo, quando descoberto como alguém acometido de surdez, era simplesmente retirado da sociedade, jogado ao rio. Ele não tinha direito a nada e não recebia herança se não falasse. O oralismo valorizava a fala.

Os termos “surdez” e “deficiente auditivo” transitam em duas perspectivas, quais sejam: 1) Patológicas e 2) Culturais. Do ponto de vista patológico, Surdo é aquela pessoa com perda da capacidade de ouvir, que possui surdez severa ou profunda, ao qual o dano é irreversível, fazendo uso da língua de sinais para a comunicação. Já o deficiente auditivo é a pessoa ao qual o dano auditivo pode ser reparado via cirurgia coclear, aparelho auditivo ou outro dispositivo. O ponto de vista cultural não está ligado ao quanto a pessoa pode ouvir, pois o Surdo é aquele indivíduo que se considera participante ativo da cultura surda e se comunica via língua de sinais, ao passo que o deficiente auditivo é aquele que não se identifica com a cultura surda.

Nessa perspectiva, cada tipo de deficiência auditiva tem suas particularidades, podendo ou não ser reversível. Além disso, as causas desta são múltiplas, entre as quais: otites, meningite, traumas no parto, doenças pós-natais, inflamações e perfurações na membrana timpânica.

O ato de comunicar é uma ação antiga. Nos primórdios, a comunicação se deu por pantomima: como não havia a fala, os homens das cavernas se expressavam com o corpo através dos gestos e alguns sons que emitiam (gritos e grunhidos, por exemplo). Essa linguagem dos gestos também é utilizada pelos Surdos para a comunicação com os ouvintes que não sabiam a língua de sinais.

Na perspectiva da educação, muitas foram as concepções que permeavam o sujeito surdo. Pelo contexto de misticismo existente no Egito, os Surdos eram considerados pessoas especiais e que foram escolhidas. Na Grécia, as coisas eram bem diferentes, pois eram



considerados um peso para a sociedade, eram desprezados, uma vez que ali se valorizavam quesitos como, por exemplo, bravura e beleza. Os filósofos gregos diziam que a inteligência era adquirida via audição; logo, o Surdo era privado de razão, sendo impossível educá-lo.

Talvez tenha sido entre os romanos o período mais doloroso para os Surdos, pois as famílias não tinham poder sobre a vida dos filhos Surdos, por exemplo, sendo comum as crianças nascidas com qualquer tipo de “defeito” serem afogadas no rio. Foi uma época de muito sofrimento para as famílias com filhos surdos: tinham de esconder seus filhos para evitar sua morte. Posteriormente, foi estabelecido na Europa que os Surdos que não falavam nada não poderiam herdar herança. Já aqueles que não ouviam, mas logravam estabelecer alguma comunicação oral tinham direitos legais.

A educação dos Surdos era algo que parecia impossível. Mas a mudança de direção se deu a partir do século XVI. Ali, a educação daqueles sujeitos foi dividida em três fases. Na primeira, as famílias contratavam tutores para ensinarem aos filhos Surdos a se comunicarem oralmente ou pela escrita. Tinha-se, então, o uso do alfabeto manual e dos sinais. O filme intitulado *O milagre de Anne Sullivan* (1962)<sup>4</sup> retrata eficazmente esse exemplo de educação: trata da história de Helen Keller, uma menina de 07 anos de idade, que era Surdo-cega; como as pessoas não sabiam lidar com a menina, davam-na liberdade para fazer o que quisesse e, assim, ela tinha o domínio da casa. A princípio, ela se mostrava agressiva, pois necessitava se expressar e ser entendida por todos. Logo, tinha hábitos como, por exemplo, comer com as mãos, quebrar pratos, morder e chutar, ao passo que sua família costumava dizer que era normal que ela agisse daquele modo, não a censurando. Posteriormente, depois de várias discussões sobre o comportamento da menina, os pais decidiram contratar uma professora para lhe ensinar a se comportar. A professora contratada era Anne Sullivan, que, a princípio, vivenciou alguns conflitos com os pais da menina por ter pulso firme ao educá-la e ensiná-la coisas simples da vida. Anne incentivou Helen a utilizar o tato; era como se pudesse ver o mundo com as mãos. Com o tempo, a menina aprendeu a língua de sinais e a pronunciar algumas palavras. Helen foi a primeira Surda a terminar o curso universitário.

Na segunda fase tem-se a fundação de escolas para Surdos em vários países da Europa, criadas por três indivíduos Surdos e que tinham três princípios diferentes, a saber:

- Charles-Michel de L'Épée muito contribuiu para a educação dos Surdos. Ele deu início à educação coletiva que estendeu a educação, atendendo todas as classes sociais.

---

<sup>4</sup> Filme muito importante para mim, pois quando iniciei os primeiros cursos de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS dos vários que já fiz, a professora apontou tal película como referência nos estudos sobre a surdez.

Tal fase foi conhecida como a época de ouro da educação dos Surdos, pois a educação não era apenas para os nobres. Os Surdos, depois de formados, conquistaram posição na sociedade, passando a ocupar cargos que eram apenas para ouvintes; e

- Braidwood e Heinicke – outros dois fundadores de escolas para Surdos na Inglaterra e na Alemanha – faziam uso da modalidade escrita e oral para educar os Surdos. Heinicke, por exemplo, acreditava que a única ferramenta para uso na educação de Surdos deveria ser a palavra falada. Ele argumentava que permitir aos estudantes Surdos fazer uso da língua de sinais inibiria seu processo de fala (CHOI et al., 2011). E, ainda, acreditava que a melhor forma do Surdo ter uma posição na sociedade era por meio da fala, sendo necessário aprender a falar e a se comunicar normalmente junto aos ouvintes. Tal método de oralismo de Heinicke foi reconhecido no II Congresso Internacional de Educação do Surdo, em Milão, Itália, em 1880, onde ficou decidido que a educação do Surdo se daria pelo método oral, ficando a língua de sinais proibida na educação de alunos surdos.

E, na terceira fase, a língua de sinais tinha seu uso proibido. Assim, a única coisa que os alunos Surdos faziam na escola era treinar a voz e a audição, deixando de aprender os conteúdos escolares e não progredindo nos estudos, pois não logravam atingir o(s) nível(is) médio e/ou superior. Somente em 1960, com o rendimento precário do oralismo, adotou-se a língua de sinais na educação de Surdos, surgindo, então, a comunicação total, tendo como eixos principais: oralização, língua de sinais e escrita. A comunicação total defende que os Surdos tenham acesso à linguagem oral via leitura orofacial, amplificação, sinais e alfabeto manual, e que se expressem por meio da fala, dos sinais e do alfabeto manual (CHOI et al., 2011).

Os Surdos passaram a se manifestar contra as decisões que os ouvintes impuseram em suas vidas, reivindicando seus direitos e o reconhecimento da língua de sinais na década de 1980. Assim, lograram o reconhecimento da cultura e identidade surda, consolidadas por pesquisas científicas, surgindo, então, um novo método de ensino: o bilinguismo, utilizado até os dias atuais. Esse se refere ao ensino de duas línguas para os Surdos, quais sejam: 1) a língua de sinais – que oferta o arcabouço para o aprendizado da segunda língua; e 2) a língua majoritária – preferencialmente na modalidade escrita (CHOI et al., 2011).

Eis que chega ao Brasil Ernest Huet, um Surdo francês, que, a convite de Dom Pedro II, inaugura a primeira escola para estudantes Surdos: o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, em 26 de setembro de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Muitos Surdos de várias províncias brasileiras então convergiram para aquela escola na busca do

aprendizado. Ensinados por meio da escrita, da língua de sinais e do alfabeto manual, os estudantes ali alocados puderam repassar o aprendizado nas cidades onde viviam, ao passo que a língua de sinais ficou conhecida em todo o Brasil.

Em suma, mesmo com vários tipos de deficiência auditiva, a Libras é a língua utilizada por aqueles que fazem parte da comunidade surda. É uma língua composta de um alfabeto manual e de expressões faciais e corporais que se combinam, formando algo semelhante aos fonemas e morfemas da língua portuguesa. Os elementos que constituem um sinal são denominados parâmetros, a saber:

- Configuração de mão: são formas feitas nas mãos que podem utilizar o alfabeto manual ou não;
- Ponto de articulação: lugar onde incide a mão;
- Movimento: que podem ter ou não;
- Orientação/direcionalidade: direção que o movimento assume; e
- Expressão facial e corporal: utilizados para alguns sinais.

Nesse ínterim, o trabalho dos intérpretes é de extrema relevância para a comunidade surda, pois funciona como um elo entre o mundo dos Surdos e o mundo dos ouvintes (QUADROS; KARNOPP, 2004).

### 1.3 LEGALMENTE FALANDO...

Muitas foram as lutas que os Surdos tiveram de empreitar para conquistar seus direitos e o reconhecimento social. Passaram por torturas e sacrifícios em virtude do comprometimento total de seu aparelho auditivo, além da discriminação e exclusão social e da ausência de seus direitos como cidadãos.

Após os sucessivos períodos históricos de exclusões, os Surdos foram se dando conta de sua importância dentro a sociedade e de seus direitos, iniciando as lutas em prol desses direitos. Antes disso, os Surdos não tinham direito a nada e não eram aptos a receber heranças, pois, a fala era o instrumento principal para sua aceitação na sociedade como sujeito de direito, ao passo que aquele que, mesmo com perda auditiva, lograva se comunicar por meio da oralidade tinha direito a receber heranças.

Uma das primeiras conquistas da comunidade surda no Brasil foi o art. 168 da Constituição Federal – CF de 1967, *in verbis*:

Art 168 – A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; assegurada a igualdade de oportunidade, deve inspirar-se no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e de solidariedade humana.

§ 1º – O ensino será ministrado nos diferentes graus pelos Poderes Públicos.

§ 2º – Respeitadas as disposições legais, o ensino é livre à Iniciativa particular, a qual merecerá o amparo técnico e financeiro dos Poderes Públicos, inclusive bolsas de estudo.

§ 3º – A legislação do ensino adotará os seguintes princípios e normas:

I – o ensino primário somente será ministrado na língua nacional;

II – o ensino dos sete aos quatorze anos é obrigatório para todos e gratuito nos estabelecimentos primários oficiais;

III – o ensino oficial ulterior ao primário será, igualmente, gratuito para quantos, demonstrando efetivo aproveitamento, provarem falta ou insuficiência de recursos. Sempre que possível, o Poder Público substituirá o regime de gratuidade pelo de concessão de bolsas de estudo, exigido o posterior reembolso no caso de ensino de grau superior;

IV – o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio.

V – o provimento dos cargos iniciais e finais das carreiras do magistério de grau médio e superior será feito, sempre, mediante prova de habilitação, consistindo em concurso público de provas e títulos quando se tratar de ensino oficial;

VI – é garantida a liberdade de cátedra (BRASIL, 1967).

Tem-se aí o início de uma sucessão de conquistas e a aquisição de direitos dessas pessoas que foram, por tempos, marginalizadas da sociedade e que, aos poucos, foram agregando mais integrantes nessa luta por reconhecimento.

Em continuidade, tem-se a Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe, *in verbis*:

[...] sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público (BRASIL, 1989).

E que assim trata em seu art. 2º, parágrafo único, inc. I, alínea a, *in verbis*:

Art. 2º Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Parágrafo único. Para o fim estabelecido no caput deste artigo, os órgãos e entidades da administração direta e indireta devem dispensar, no âmbito de sua competência e finalidade, aos assuntos objetos esta Lei, tratamento prioritário e adequado, tendente a viabilizar, sem prejuízo de outras, as seguintes medidas:

I – na área da educação:

a) a inclusão, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação próprios;

[...].

Posteriormente, a Lei n. 8.160, de 08 de janeiro de 1991, obrigou que o “Símbolo Internacional de Surdez” esteja disponível em todos os locais que possibilitem acesso, circulação e utilização por pessoas portadoras de deficiência auditiva, bem como em todos os serviços que forem postos à sua disposição ou que possibilitem o seu uso (BRASIL, 1991).

Figura 1 – Símbolo Internacional de Surdez



Fonte: Ascom Cosems-RN (2016, n. p.).

Um marco importante para a comunidade surda se deu em 1994, na cidade de Salamanca, Espanha, onde foi elaborada a Declaração de Salamanca, que reconhece e assegura, dentro do direito à educação para todos, providenciar uma educação especial a nível regular voltada para os Alunos com Necessidades Educacionais Especiais – ANEEs dentro do mesmo sistema educacional (ONU, 1994). Ali são estabelecidas estruturas educacionais que atendem a todos os níveis de deficiência, a fim de promover a igualdade de conhecimento e o desenvolvimento do ANEE.

De volta ao âmbito nacional, a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional onde os sistemas de ensino asseguram, aos educandos com deficiência, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, buscando atender suas necessidades. Assegura, do mesmo modo, professores capacitados para

o atendimento especializado, que promovam a interação desses alunos nas classes comuns (BRASIL, 1996).

Já o Decreto n. 3.298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamentou a Lei n. 7.853/1989, responsável por promover o Plano Nacional de Educação – PNE Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, salientou o movimento mundial pela educação inclusiva como uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. Assim, em meio à prática discriminatória, foi preciso buscar alternativas que superassem a exclusão. Nesse viés, a legislação em questão também esclareceu em seus arts. 3º e 4º o que é deficiência e quem se enquadra na deficiência auditiva, *in verbis*:

Art. 3º Para os efeitos deste Decreto, considera-se:

I – Deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;

II – Deficiência permanente – aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos; e

[...].

Art. 4º É considerada pessoa portadora de deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias:

[...];

II – Deficiência auditiva – perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz; (Redação dada pelo Decreto n. 5.296, de 2004)

[...] (BRASIL, 1999, n. p.).

A Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, também estabeleceu normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência mediante supressão de barreira de comunicação, garantindo-lhes o direito de acesso à informação, comunicação e educação, bem como a implementação da formação de profissionais intérpretes de Libras e guias-intérpretes para auxiliar na comunicação às pessoas surdas e surdas-cegas (BRASIL, 2000).

Há também a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras, cujo sistema linguístico é visual-motora e possui estrutura gramatical própria (BRASIL, 2002). Tal ditame ainda estabelece a inclusão, nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da língua de sinais, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.

Em 2004, a Lei n. 10.845, de 05 de março, institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência– PAED (BRASIL, 2004). Sobre tal ditame, faz-se importante apontar que ainda nos dias de hoje existem barreiras para uma efetiva aplicação do Atendimento Educacional Especializado – AEE, sobretudo pela carência de professores ainda não fluentes em Libras para lidar com o aluno surdo.

Em 2005, o Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro, tratou da formação de docentes para o ensino de Libras e de instrutor de Libras, do uso e da difusão de Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, da formação do tradutor e intérprete de Libras-Língua Portuguesa e da garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva (BRASIL, 2005).

Em 2008, a Lei n. 11.796, de 29 de outubro, institui o dia 26 de setembro de cada ano como o Dia Nacional dos Surdos.

Por último, tem-se a Lei n. 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamentou a profissão de tradutor e intérprete da Libras.

#### 1.4 LETRAMENTO

No ambiente educacional muito se comenta da questão da comunicação. No mundo midiático vigente, os meios de comunicação são os mais evoluídos e variados possíveis. A *internet* possibilitou um tipo de comunicação rápida e acessível a partir da criação de redes sociais, *blogs*, aplicativos, *softwares* e tantos outros. Desse modo, se comunicar com quem está ao seu lado ou quem está a milhares de quilômetros de distância ficou muito mais fácil, ou seja, não há mais necessidade de se locomover quilômetros de distâncias para trabalhar ou executar algum serviço burocrático, falar com familiares, amigos ou resolver quaisquer assuntos pessoalmente.

Em um olhar para o passado é possível se deparar com o início de toda a comunicação. Os homens das cavernas certamente se comunicavam por meio de grunhidos, gestos, gritos e expressões faciais, faziam uso da comunicação não verbal para se expressarem. Ainda com cérebros rudimentares, era o modo que descobriram para estabelecer alguma comunicação e serem entendidos. Essa comunicação foi passada de um para outro até que se estabelecesse um entendimento para cada código ou gestos que executavam, aperfeiçoando uma linguagem mais simples.

Sobre a questão, Bordenave (2006, p. 17) assevera:

A Comunicação foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-lhe transmitidos, pelo qual aprendeu a ser “membro” de sua sociedade – de uma família, de seu grupo de amigos, de sua vizinhança, de sua nação. Foi assim que adotou a sua “cultura”.

A comunicação não verbal é todo o aprendizado existente em uma cultura. Os gestos, os movimentos e as posturas transmitem aquilo que se quer dizer juntamente às expressões faciais, que são movimentos inconscientes, que estabelecem um entendimento e que são transmitidos de um para o outro dentro de uma sociedade, fazendo parte da cultura desse povo (BORDENAVE, 2006).

Esse tipo de linguagem não se aprende na escola, é inerente ao ser humano. São outros aprendizados e outras vertentes. São vários conhecimentos que fazem do homem um sujeito letrado no mundo.

Na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma ideia, um novo fato, um novo objeto surge, são inventados, e então é necessário ter um nome para aquilo, porque o ser humano não sabe viver sem nomear as coisas: enquanto nós não as nomeamos, as coisas parecem não existir (SOARES, 2005, p. 34).

De fato, o mundo se transforma a cada dia porque coisas novas surgem diariamente. A cada amanhecer, tem-se alguma novidade em qualquer área do conhecimento; têm-se fatos e acontecimentos que surgem, instigando o ser humano em constante atualização e acompanhamento das mudanças em âmbito local e mundial. Assim, as palavras e os termos que surgem no meio científico ou acadêmico se fazem necessários para a confecção de trabalhos e pesquisas coesas.

A palavra “letramento”, por exemplo, surgiu pela necessidade de nomear um fato novo, uma ideia nova. Ela é nova no vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas, surgindo na segunda metade dos anos 1980, sendo registrada por Kato (1986). Vem da palavra inglesa *literacy*, que quer dizer condição de ser letrado (versado em letras, erudito). Na língua portuguesa, o termo “letrado” não é apenas saber ler e escrever, mas, sim, fazer uso frequente e competente do ler e escrever, e responder às exigências que a sociedade faz perante as ações de leitura e escrita.

Ao se tornar uma pessoa letrada, obtém-se uma outra condição social e cultural, pois muda-se o modo de viver socialmente, a relação com os outros e a forma de pensar. Kate M. Chong, uma estudante norte-americana, define em um poema sua história pessoal de letramento, na seguinte tradução de Soares (2005, p. 40):



### O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho  
em que se pendura cada som enunciado,  
não é treinamento repetitivo  
de uma habilidade,  
nem um martelo  
quebrando blocos de gramática.

[...]

Letramento é, sobretudo,  
um mapa do coração do homem,  
um mapa de quem você é,  
e de tudo que você pode ser.

A forma de expressão artística em questão para definir um conceito, sem dúvida, clarifica seu significado. Assim, nos versos traduzidos por Soares (2005), é possível melhor compreender o que é letramento: é envolver-se com várias práticas de leitura e escrita, é descobrir outras alternativas e possibilidades de ler e escrever, é se redescobrir em uma outra condição, outro nível social e cultural.

De fato, tal definição poética ainda não é muito comum, causando, em muitos, algum estranhamento, pois o mundo está familiarizado apenas com as palavras apresentadas pelos dicionários, tais como: “analfabeto” – indivíduo que não sabe ler nem escrever (é aquele que não tem instrução formal, não conhece o alfabeto); “analfabetismo” – estado ou condição da pessoa analfabeta (é aquela pessoa que não tem instrução formal, que não sabe ler e escrever); “alfabetizar” – ensinar a ler e escrever (é dar as primeiras instruções); e, “alfabetização” – ação de alfabetizar (é a ação de ensinar/aprender a ler e escrever).

Soares (2005) sugere o verbo “letrar” para nomear a ação que leva o indivíduo ao letramento e que, para torná-lo alfabetizado e letrado, o ideal seria alfabetizar letrando. Logo, seria importante ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Na dimensão social, a palavra “letramento” é o que as pessoas fazem com suas habilidades de leitura e escrita e seu relacionamento com os valores e as práticas sociais dentro do contexto social.

Os estudos apontam uma heterogeneidade de letramentos, havendo muito por pesquisar e descobrir sobre essa diversidade, em especial, na esfera escolar, que tem por razões as mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas. Sem dúvida, a escola é uma agência de letramento que somente visa o letramento individual na aquisição de códigos alfabéticos e números, pois é dele que depende a promoção da escola, ao passo que as outras

orientações de práticas sociais são adquiridas nas agências de letramento (família, trabalho, igreja e rua, por exemplo).

Os discentes convivem com uma multiplicidade de letramentos diferenciados. Os meios de comunicação destacam-se em tais mudanças, pois foram os que mais sofreram impacto com a era tecnológica digital – intimamente ligada ao ambiente escolar, pois nele estão inseridos os praticantes dessa cultura, uma vez que nasceram na era digital. Os muros da escola já não são mais barreiras para a inserção dessa cultura no processo de ensino-aprendizagem.

A escola tem o papel de proporcionar a seus estudantes participação efetiva nas práticas sociais e escolares, considerando, segundo Moita-Lopez e Rojo (*apud* Rojo, 2004, p. 107), “[...] os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita”.

Como exemplo dessas mudanças ocorridas nas últimas décadas tem-se o modo como as informações são transmitidas, como, por exemplo, as formas de leitura e escrita diversificaram e passaram do impresso para o digital ou a diminuição das distâncias, sejam elas geográficas (com meios de transportes superevoluídos e que possibilitam a locomoção em questões de segundos) e culturais e de informação (que por meio das mídias digitais e analógicas de computadores, celulares e outros, colaboraram para o desenvolvimento das sociedades). Com a diversidade de possibilidades de leitura via tecnologia, o texto escrito já não é mais suficiente, sendo necessário relacioná-lo com as várias modalidades de linguagem já existentes na evolução tecnológica vigente.

#### **1.4.1 O Letramento na aquisição da Língua Brasileira de Sinais**

Em relação às práticas sociais na aquisição de conhecimentos, é possível identificar a expressão e a interpretação por meio das diversas linguagens inseridas no contexto do letramento, tendo na comunicação em Libras os elementos que potencializam tais práticas. Novas formas de escritas e leitura direcionam para esse campo linguístico que há muito tempo, inserido socialmente, luta por reconhecimento, e que somente há pouco tempo tornou-se visivelmente acessível e amparado legalmente.

A aquisição da língua materna é aquela que se adquire ao nascer, ao iniciar o aprendizado, ao começar a balbuciar ou a sinalizar as primeiras palavras – denominada L1 (Língua Primeira), seja ela falada ou sinalizada. Uma pessoa ouvinte, ao nascer, receberá as

informações por meio da fala, da oralidade. Já a pessoa surda dá início à sua comunicação tendo a língua de sinais como sua L1, perfazendo sua primeira leitura de mundo.

Nesse sentido, o presente estudo tratou da L2 (Língua Segunda) – a língua de sinais – como segunda língua. De fato, não se tem muitas pesquisas que focam a aquisição da língua de sinais por ouvintes como L2, sendo essa uma língua diferenciada, que possui gramática própria e é espacial-visual.

Um sujeito adulto ouvinte que queira aprender Libras como L2 experienciará dificuldades diferentes daquelas quando do aprendizado da L1, pois a modalidade da L2 é diferenciada, além do dificultador da memória. A memória do adulto no aprendizado da língua de sinais em sua fase inicial depende da iconicidade para recordar o vocabulário sinalizado. Uma criança, por exemplo, apresenta mais facilidade para o aprendizado de uma língua nova. A língua de sinais, por ser uma língua que faz uso da sinalização, do gestual e de expressões corporais para se comunicar, a memorização de cada sinal apresentado torna-se um processo mais complexo e demorado para memorização de cada palavra sinalizada.

São vários os motivos que levam o aprendizado da língua de sinais como L2, como, por exemplo, o caso de adultos que são ouvintes e que aprendem por questões profissionais (professores, intérpretes de Libras, fonoaudiólogos, psicólogos, aqueles que atendem pessoas surdas etc.). Atualmente, a Libras tem ganhado repercussão positiva na questão da aquisição de direitos e conquistas em âmbito nacional. Muitas pessoas, então, passaram a se interessar em aprender sua L2 em Libras.

A língua de sinais também possui regionalidades. Os sinais não são universais, pois cada país tem sua própria língua de sinais. No Brasil, por exemplo, tem-se a Libras e suas variações linguísticas, assim como o português tem sua variação. Assim, por exemplo, na língua portuguesa, o que se conhece por “mandioca” na capital federal, o mesmo alimento é denominado “macaxeira” na região Nordeste e, no âmbito da língua de sinais, a palavra “tarde” é sinalizada em Brasília de um modo, ao passo que na região Sul a mesma palavra recebe outro sinal.

Figura 2 – Sinalização da palavra “tarde” na Língua Brasileira de Sinais, em Brasília, Distrito Federal.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Sinalização da palavra “tarde”, na Língua Brasileira de Sinais, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.



Fonte: Elaboração própria.

No que tange ao intérprete de Libras, tal profissional é legalmente reconhecido e possui importante presença na mediação em sala de aula, sendo o suporte para garantir a disseminação de questões que tratam da língua, da identidade e da cultura surda.

Ao aprender a língua de sinais, aumentam-se as possibilidades de comunicação, expressão, interação e de leitura de mundo que o sujeito adquire. Com esse aprendizado, ampliam-se a visão e o entendimento a respeito das causas de grupos marginalizados, como, por exemplo, os Surdos, potencializando sua inclusão, além da prática de leitura espaço-visual que se adquire quando se aprende Libras e na aplicabilidade desses conhecimentos em favor das relações interpessoais no convívio social.

## 2 PERSPECTIVAS DAS EXPRESSÕES CORPORAIS

Neste capítulo, descrevo sobre a expressividade do corpo no uso de Libras na comunicação e nas expressões corporais do ator, seja na preparação do corpo ou no palco, no ato de encenar. Essas duas realidades têm o corpo como o principal recurso para a comunicação, utilizando-o na transmissão de mensagens, ideias, fatos ou na expressão artística.

A linguagem corporal está presente em nosso meio desde o nosso nascimento. Quando viemos ao mundo, já fazemos caras e bocas exercitando os músculos da face, espichando braços e pernas, exercitando a garganta com choros e risadas. Todos esses movimentos acontecem de forma involuntária. Com o passar do tempo e com a evolução (ou desenvolvimento, transformação?) do corpo e da mente, esses movimentos já passam a fazer sentido e ter um direcionamento mais pontual.

Na pré-história, os homens primitivos se comunicavam por meio de sons e da gesticulação, buscando retratar a realidade imitando os animais ou ações cotidianas. O corpo já era utilizado como um importante meio de transmissão de mensagens, permitindo perceber o mundo e sentir as sensações e impressões de tudo ao redor.

O corpo humano possibilita infinitudes de movimentos que “brotam de impulsos interiores e exteriorizam-se pelo gesto, compondo uma relação íntima com o ritmo, o espaço, o desenho das emoções, dos sentimentos e das intenções” (Carvalho, *apud* Vianna, 2005 p. 105).

Assim, com o tempo, o ser humano percebeu que com o corpo, através dos gestos, poderia representar objetos ou uma ação do cotidiano, bem como sons da natureza e dos animais. Dessa forma, tem-se a origem dos signos, que, segundo Bordenave (2005), é qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia, representando, conseqüentemente, uma mensagem.

Passou-se, então, a registrar toda essa significação por meio da arte – desenhos e pinturas rupestres registrados nas paredes das cavernas –, sem mesmo saber do poder da comunicação da forma rústica, porém, artística, expressa com o registro das ações cotidianas, de objetos e dos animais.

O homem evoluiu, bem como sua linguagem, sua forma de se relacionar com o meio social e culturalmente, podendo também modificá-lo. Através dela, o homem entende e

se faz entender, expõe seus sentimentos e ideias, transforma, inova. A linguagem faz parte de toda a trajetória da comunicação, estando presente em todo o processo de evolução humana.

Como exemplo do início da comunicação entre os humanos, tem-se a história retratada no filme *A guerra do fogo* (1981), que apresenta a vida na pré-história e a comunicação com gestos. Ali, os primatas se expressavam por gritos, grunhidos, imitavam os sons de animais ou de elementos da natureza para o possível entendimento da mensagem que queriam transmitir e a captação da mensagem que era transmitida. Toda a gestualidade utilizada para expressar sentimentos e pensamentos era o que estabelecia a comunicação entre eles, acarretando o reconhecimento da alteridade, de posicionamentos e das relações afetivas, dando início à civilização.

Desde os primeiros gestos, os modos de comunicação foram evoluindo, passando pela escrita até chegar à *internet*. As possibilidades de se comunicar só vêm diversificando com o passar do tempo, a evolução do homem e da máquina permite a criação de novas formas de se comunicar, mas o corpo e suas expressões não mudam, aprimoram-se de indivíduo para indivíduo de acordo com sua necessidade de expressão. Como é o caso, por exemplo, dos artistas do teatro e dos usuários da Libras que têm como base para sua comunicação o corpo.

## 2.1 A EXPRESSIVIDADE CORPÓREA NAS ARTES DA CENA

Toca o terceiro sinal, as cortinas se abrem e lá está ela, a personagem, pronta para encantar a todos com sua expressividade corporal trazida por mais uma história. Por entre gestos e movimentos, que percorrem o palco de um lado para o outro, e os olhares da plateia, que a acompanham como um coro enquanto a mensagem é transmitida. Diz-se que um ator deve dar conta da capacidade expressiva de seu corpo. No entanto, todo ser humano é expressivo, tenha ou não consciência disso (AZEVEDO, 2004).

O teatro é representado desde o início da história do homem na terra, bem evidente na época dos rituais e festejos, que aconteciam para agradecer os bons frutos da caça e das colheitas, numa coreografia de gestos e movimentos, que representavam as emoções e sentimentos que ali se externavam.

A Linguagem corporal é extremamente importante no teatro, ela dá a entonação à mensagem que é oralizada, é a essência do teatro e é por isso que o ator deve trabalhar seu corpo e prepará-lo para a atuação, que, conforme Azevedo (2004, p.136):

Seu treinamento baseia-se (ou pelo menos deveria basear-se) num treino corporal e afetivo, pois, quanto mais trabalha com seu físico, mais descobrirá (se se permitir) a intrincada rede de afetos presente no seu corpo ou a ser presentificada através dos impulsos tornados atos.

O que se deseja com isso é uma consciência corporal de artista, que seja capaz de relacionar corpo e mente na criação da personagem e em sua atuação. Segundo Lacerda (1998, p. 38-39):

[...] a linguagem é indubitavelmente fundamental para os sujeitos, na medida em que é através dela que nos apropriamos da cultura do entorno, construímos nosso entendimento sobre o micro e o macro universo e estabelecemos nossas relações socioafetivas. Desta forma, entendemos que a linguagem exerce papel preponderante na constituição dos sujeitos, de modo que é “é nela, por ela e com ela que [...] nos tornamos ‘humanos’”.

A linguagem corporal é de extrema importância, pois potencializa a comunicação entre indivíduos. A linguagem não verbal, fazendo uso do corpo, permite expressar os sentimentos, dando ênfase à mensagem que é transmitida e evidenciando as reações dos indivíduos em suas relações sociais e interpessoais. Como grande exemplo da comunicação não verbal, tem-se o cinema mudo, muito bem representado na figura de Charles Chaplin no filme *Tempos modernos* (1936), que expressa toda sua corporeidade por meio da gestualidade de seus movimentos. Chaplin, mesmo executando movimentos repetitivos como se fosse uma máquina, transmitiu com eloquência a sensibilidade da mensagem em seus gestos e suas expressões.

Diante do exposto, é possível fazer uma leitura corporal a partir de posicionamentos e posturas corporais somados à harmonia dos movimentos. Para tanto, faz-se importante analisar cada detalhe dos olhos, dos pés, do tronco e de outras partes do corpo, para saber o direcionamento a que estão apontando. Tal linguagem revela informações expressas na interação com os pares, ao passo que cada um faz sua própria leitura do que é percebido, como mostram as imagens abaixo:



Fonte: Livro *O corpo fala*, p.153.



Fonte: Livro *O corpo fala*, p.125.

Se nos habituássemos a perceber os sinais que o corpo nos traz, ficaria mais fácil decifrar a mensagem que ele nos transmite. Dependendo do contexto em que se é colocado, como exemplificado nas figuras 4 e 5, podemos notar que o corpo também insiste em não se expressar, seja tentando esconder uma reação com a mão ou travando os lábios entre os dentes para não falar. Essas ações demonstram que o próprio corpo transmite sua mensagem voluntariamente.

O corpo humano, quando do movimento, coloca em funcionamento vários músculos do organismo. O ser humano já os executa natural e inconscientemente quando move os braços, as pernas, o tronco, as sobrelanceiras, etc. Cada ação produzida possui um movimento diferente. No teatro, tais movimentos simbolizam bem a expressão da ação do ator – que era o que Meyerhold (1982, p. 75) queria em seu teatro (algo menos realista e mais teatral):

O movimento está subordinado às leis da forma física. Em uma representação, é o meio mais poderoso. O papel dos movimentos cênicos é mais importante que qualquer outro elemento teatral. Privado de palavra, de vestuário, de bambolinas, do edifício, o teatro, com o ator e sua arte de movimentos, os gestos e as interpretações fisionômicas do ator informam o espectador sobre seus pensamentos e seus impulsos; o ator pode transformar em teatro qualquer tablado, não importando onde nem como, abstendo-se dos serviços de um construtor e confiando em sua própria habilidade. É preciso tratar da natureza específica do movimento, do gesto e da interpretação fisionômica [...].

Artaud (1984) assevera que, para o ator atingir o público, ele deve promover uma fisicalização de seus sentimentos e suas emoções, transformando-os em signos visíveis. De fato, o público tem a compreensão daquilo que é expresso pelos movimentos e gestos do ator, que atinge o espectador com essa linguagem física.



Jacque Lecoq nos traz sua pedagogia da criação teatral e seu trabalho com a máscara neutra, que se tornou o ponto central de sua pedagogia. O uso da máscara neutra coloca o corpo do ator em um estágio de equilíbrio pois permite que ele se concentre muito mais em suas expressões corporais, adquirindo uma conscientização do espaço, dos movimentos na música e na poesia onde realiza um trabalho com as palavras. Um processo de busca das palavras pelo corpo, abordando uma dinâmica corporal baseada nas ações que executamos em atitudes como varrer, correr, jogar, pegar...

No território dramático, podemos observar os trabalhos corporais que são desenvolvidos por diversos atores utilizando a linguagem do gesto como expressão de diferentes situações e experiências. São expressões que foram enriquecidas com a exploração das mais variadas possibilidades de comunicar e de levar ao público uma mensagem utilizando seu corpo expressivo.

Trago como exemplo de expressividade a peça teatral “Benedito”, do autor Jorge das Graças Veloso, que traz para o palco suas lembranças vividas na infância, narrada por um violeiro ao som de sua viola, que substituía as palavras pelo som de suas cordas.

Em cena, só era possível contemplar a gestualidade e as expressões corporais dos personagens que davam vida a essa história, pois, como diz Lecoq (2010), cada gesto possui uma sonoridade, uma voz. Benedito mexe com o imaginário do espectador, que assiste a um balé de gestos e expressões que encantam e elevam a imaginação da plateia e os remete a uma experiência interiorana. Essa peça é um exemplo de que não precisamos proferir palavras para nos comunicarmos ou fazermos-nos entender quando temos um corpo expressivo que externa todas as emoções e os sentimentos contidos em pequenos detalhes de uma narrativa.

## 2.2 A RELEVÂNCIA DA EXPRESSÃO CORPORAL NA TRADUÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Um corpo... um movimento... uma intensão... uma emoção e uma língua. A Libras vem depois de tudo isso, de um corpo que se movimenta, que se emociona com uma intenção e que a partir daí surgem possibilidades de mensagens ou uma criação de uma cena de uma narrativa. Não é cena de teatro, é cena da vida do sujeito Surdo, que se comunica e expressa-se com seu corpo por meio da sua língua. A Libras transforma o texto escrito em imagens e cenas.

Mas esse sujeito Surdo que usa Libras para sua comunicação também pode passar sua mensagem em cima do palco, pois seu corpo é potencializado de expressividades,

sentimentos e emoções. O trabalho corporal e a preparação do ator para uma atuação cênica se fazem necessários independentemente de sua língua. A Libras tem a expressão facial como maior aliada para a execução da língua, pois é o complemento do sinal que é feito com as mãos. É com ela que saberemos a verdadeira intenção que se tem ao sinalizar uma mensagem.

### 2.2.1 A expressão facial

As expressões faciais são utilizadas em todas as línguas, revelando sentimentos, emoções ou indicando intenções. Se utilizadas inadequadamente, podem alterar totalmente o sentido da mensagem. Ao olhar uma criança chorando, mesmo que não possamos ouvi-la, é possível perceber sua expressão facial, identificando a mensagem ou sensação expressa naquele momento, com base no movimento que fará com seu rosto. Nesse ínterim, um sinal em Libras pode mudar seu significado de acordo com a expressão que for utilizada.

Figura 6 – Tipo de expressões faciais.



Fonte: Quadros e Pimenta (2006, p. 13).

É possível identificar o significado de numa frase em Libras quando da análise da entonação juntamente ao sinal e às expressões corporal e facial empregadas. Segundo Breailo (2012), por exemplo, em uma frase afirmativa, a expressão facial é neutra; na forma negativa, têm-se as sobrancelhas franzidas e o aceno de cabeça de negação; na forma interrogativa, têm-se as sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça, inclinando-se para cima; e, na forma exclamativa, têm-se as sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça, inclinando-se para cima e para baixo.

O ser humano demonstra seu estado de ânimo via expressões corporais. Com atenção, é possível identificá-las e fazer sua leitura, entendendo facilmente a mensagem

transmitida pelo corpo. Por exemplo: quando do encontro de alguém muito querido, o corpo reage prontamente, ou seja, o peito se eleva em preparação para um abraço; quando de uma notícia triste ou quando surpreso com algo, levantam-se as sobrancelhas e abre-se a boca; quando de raiva imediata, as sobrancelhas se franzem e comprime-se a boca para dentro levemente; e, quando de desprezo, os olhos dão uma piscada mais demorada, a cabeça se inclina para baixo e, em seguida, para cima, juntamente ao olhar. Tais reações é que fazem a sinalização em Libras ter sentido e a mensagem ser clara.

As expressões faciais podem ser divididas em afetivas e gramaticais. As afetivas são identificadas quando utilizadas para demonstrar sentimentos (dor, raiva, medo, alegria, tristeza etc.). Já as gramaticais são os movimentos de cabeça, olhos, boca e sobrancelha, que compõem a estrutura específica da língua, sendo obrigatórias em certos contextos (GESSER, 2009).

A cada movimento do rosto, há uma expressão, um sentimento; logo, uma mensagem está sendo transmitida. Um pequeno movimento já tem significado, essas expressões são o que dão ênfase à mensagem que a Libras traz consigo e não precisa saber Libras para entender essa mensagem.

### **2.2.2 Libras e processo de criação cênica**

A Língua de Sinais é rica em detalhes e possui nuances que possibilitam a construção de uma linguagem de comunicação artística. Com esse potencial, é possível articular uma dramaturgia do corpo que evidencia a representação de experiência visual surda dentro do estado de encenação (Somacal, 2014, p.34).

Como o corpo já tem um potencial expressivo enorme, ele só precisa ser trabalhado e explorado. A consciência corporal é desenvolvida por meio de atividades corporais como jogos, danças e outros. O sujeito Surdo já usa o corpo para se comunicar em função de sua língua materna, a Libras, que é uma língua visuoespacial e necessita da articulação de todo o corpo para executar essa comunicação. Com esse recurso, o Surdo pode narrar histórias, descrever objetos, situações e imagens de forma compreensível para o espectador.

Na perspectiva da linguagem teatral, o trabalho com o corpo, realizado por meio dos jogos teatrais, corrobora para o desenvolvimento das técnicas que se fazem relevantes para a encenação. Esses jogos teatrais inclusive se fazem pertinentes no ensino de libras por estabelecerem uma ligação quase que poética entre a língua e a linguagem; além disso, são

significativos para construção de narrativas que fazem parte da cultura surda. É por meio da Libras que o Surdo externaliza os sentimentos e as emoções que, ao sinalizar, é como presenciar uma atuação cênica.

Mesmo com todas as dificuldades que é a aprendizagem de Libras para o ouvinte, nós percebemos que alguns grupos de teatro se utilizam dessa língua dentro do seu processo criativo, tais como: o grupo Signatores, que surgiu em 2010 com a proposta de investigar a linguagem teatral da cultura surda, fomentando a experiência estética de atores e atrizes surdos num processo de criação cênica utilizando a linguagem teatral e compartilhando a ideia de que

No teatro, o corpo do ator é o seu próprio instrumento artístico e a expressão corporal é um dos meios privilegiados de comunicação com a plateia. Na cultura surda, a expressão corporal vai além de uma forma de comunicação, ela faz parte da construção gramatical da Língua Brasileira de Sinais (SIGNATORES – retirado do site oficial).

O grupo teatral utiliza a língua de sinais com Surdos e ouvintes. Seus trabalhos buscam aproximar os Surdos das Artes Cênicas, além de promover a interação e a troca de experiências entre ambos, Surdos e ouvintes, dentro de um processo de criação estética. O grupo também fomenta a pesquisa na área artística e na formação docente em teatro e Libras. Essa proposta permite a acessibilidade ao contemplar todos os públicos. Dentre os diversos trabalhos apresentados pelo grupo, temos as peças infantis: *Alice no País das Maravilhas*, *Memória na Ponta dos Dedos* e *Aventuras no Reino Surdo*.

Já o Festival *Despetacular*, que é a junção das palavras “despertar” e “espetáculo”, é um festival criado em 2018 por dois artistas Surdos de Brasília, Renata Rezende e Lucas Sacramento. O foco do festival é a língua de sinais e teve sua segunda versão em 2019. O evento motiva a percepção das linguagens artísticas como teatro, dança, poesia, ofertando várias oficinas tais como *Criação de conteúdo para a internet por meio das redes sociais*, *Expressão por meio da Literatura Surda envolvendo piadas, poemas e histórias*; *Dança que estimula a consciência corporal*; *Teatro com a experimentação da criação cênica dentre outras atividades artísticas*.

Dentro desse universo do teatro, existem vários artistas que desenvolvem trabalhos numa perspectiva da língua de sinais, como é o caso do Teatrólogo, docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia e doutorando em Literatura na Universidade de Brasília – UnB, Lucas Sacramento. Ele é um dos idealizadores do Festival Despetacular, que também atua como diretor teatral. No festival, ele oferece oficina de teatro que tem uma

pequena cena teatral ou esquetes como produtos dessa oficina. Participou do *Quartas Dramáticas* da UnB em 2019, dirigindo a peça bilíngue *O Grito da Gaivota*, que contava com atores e atrizes Surdos sinalizando e ouvintes oralizando o texto. Resende e Reis (2020, p. 86) esclarecem que

Muitas produções sinalizadas do Teatro Surdo apresentam os registros existentes da literatura surda, as criações artísticas sinalizadas por autores surdos que classificaram importantes conhecimentos sobre a cultura surda, difundindo suas ideias, suas experiências, sua criatividade, suas características, suas técnicas e os métodos do Teatro Surdo. Eles garantem o reconhecimento e a valorização do protagonismo surdo e da cultura surda, abrindo espaço para o acesso às produções teatrais e literárias pela e para a comunidade.

Seguindo a linha do teatro sinalizado, Natália S. Rigo, doutora em Estudos da Tradução pela UFSC<sup>5</sup> e professora de Libras da Udesc<sup>6</sup>, desenvolve um trabalho encantador com o Teatro de Animação em Libras. Um exemplo de suas produções teatrais é a peça: *Um Perfume Pra Te Conquistar* de 2011, onde interpreta a personagem Nati, em parceria com o ator Rodrigo Custódio, que interpreta o personagem Bibi, e encenam uma história de conquista por meio da língua de sinais. Natália já ministrou cursos e minicursos de teatro de animação em Libras, que é também sua área de pesquisa no doutorado, onde defendeu sua tese intitulada de *Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS): Possibilidades de tradução-animação de bonecos em Libras*.

O processo de criação cênica em Libras é facilitado pela expressão corporal e facial que faz parte da estrutura gramatical da língua, ela intensifica a atuação cênica e facilita o compartilhamento de informações e ideias no ato da comunicação. Esse processo de criação cênica em Libras para a cultura surda é de suma importância pois além de disseminar a língua de sinais na sociedade e em eventos culturais, potencializa a participação de Surdos nesses espaços e a interação com os ouvintes.

---

<sup>5</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

<sup>6</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

### 3 PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS INCLUSIVAS

#### 3.1 A HISTORICIDADE DA ESCOLA

O Centro de Ensino Médio 02 – CEM 02 de Planaltina, Distrito Federal, deu início às suas atividades em 25 de fevereiro de 1983, prezando pelo bem-estar de todos que ali se encontram. Desde sua inauguração, traçou uma trajetória com a participação dos seguintes tipos de formação acadêmica: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Profissionalizante (Secretariado, Administração e Contabilidade).

Em 2000, a instituição de ensino em questão passou a ofertar apenas o Ensino Médio nos três turnos. Atualmente, tem-se ali somente os turnos matutino e vespertino do referido modal de ensino.

Todos os anos, a busca para o ingresso nessa escola é demasiada, sobretudo pelo fato de ser considerada, pela comunidade de Planaltina, uma escola-modelo, por sua disciplina respeitável, seu profissionalismo e por ser a instituição pública que mais aprova estudantes nos vestibulares na cidade, além de sua constante participação em eventos sociais, esportivos e culturais.

Com um quadro de profissionais de educação qualificados, o CEM 02 conta com cerca de 150 profissionais, sendo 103 da carreira de Magistério, entre os quais, 50 possuem pós-graduação (cinco possuem curso de Mestrado, um possui curso de Doutorado, além de outros em processo de conclusão).

No que tange à educação especial, o CEM 02 foi pioneiro ao empreender uma Sala de Recursos de Deficiência Auditiva no ano 2000, para o atendimento dos alunos matriculados. Tal fato se deu porque a escola, junto de duas professoras que tinham formação em Língua Brasileira de Sinais – Libras, criaram um projeto para uma Sala de Recursos voltada para o atendimento de estudantes com surdez, ofertando-lhes apoio pedagógico nas atividades desempenhadas em sala de aula. A Sala, então, contava com duas professoras das áreas de Ciências Humanas e Ciências Exatas, atendendo os estudantes no contraturno, reforçando os conteúdos repassados em horário de aula, tirando dúvidas e auxiliando nas atividades.

Nesse período, ainda não existia o apoio de intérpretes de Libras. Os estudantes Surdos ficavam, então, em sala de aula perdidos nos conteúdos, vendo os professores na frente, falando e eles sem entender nada, amenos que fizessem uma boa leitura labial ou se o

professor em sala de aula fizesse uso de algum recurso visual. E ainda, contavam com a ajuda dos colegas para ajudar em alguma coisa – quando se dava tal ação.

Ali, os estudantes Surdos, durante algum tempo, viveram em função de cópias, ou seja, eles apenas copiavam tudo que lhes mandavam e muito pouco se aprendia. Os professores não estavam preparados para lidar com a nova realidade que lhes fora apresentada: conviver com alunos surdos; não sabiam como ministrar aulas para os mesmos; e, não possuíam nenhuma capacitação e/ou orientação para tal ação.

Em 2003, surgiu no CEM 02 a Sala de Recursos Generalista para o atendimento de estudantes com deficiência física, intelectual e/ou múltipla (com mais de uma necessidade especial). Esta conta com professores especializados para assistir os estudantes com necessidades especiais; e, nas salas de aulas comuns, onde se têm estudantes com surdez, há um professor intérprete de Libras. Também, na referida unidade escolar, há uma Sala de Português como L2, onde os estudantes Surdos são atendidos no horário das aulas destinadas a essa disciplina.

A comunidade escolar do CEM 02 está localizada em área urbana, no centro da cidade de Planaltina. A instituição atende estudantes de vários setores habitacionais – Estâncias, Arapoangas, Buritis, Condomínios, Setores Residenciais Norte, Leste e Sul, Nossa Senhora de Fátima, Vale do Amanhecer e Zona Rural –, o que dificulta o sentimento de pertencimento local a uma única comunidade.

### 3.2 OS SURDOS INCLUÍDOS NA CULTURA OUVINTE

Em 2004, fui trabalhar no CEM 02 – minha primeira experiência com estudantes adolescentes. Estava empolgada, com a cabeça cheia de ideias por desenvolver e, ao ingressar em uma turma de terceiro ano, os estudantes me informaram da presença de duas estudantes Surdas na turma. Fiquei atônita, pois não sabia o que fazer sobre a questão e como iria me comunicar com elas, ao passo que esqueci completamente dos outros estudantes. Diante de mim, havia duas pessoas que falavam uma língua diferente da minha e, ao mesmo tempo em que fiquei atônita, fiquei emocionada. Querendo saber mais sobre as mesmas, comecei a gesticular algo na tentativa de uma comunicação que daria suporte para um entendimento. Elas sabiam um pouco de leitura labial. Então, fizemos uso de mímica e escrita para a comunicação.

Até o momento supramencionado, nunca tinha tido contato com uma pessoa Surda e não sabia falar a Libras. Logo, tive que correr contra o tempo para aprender e dar subsídio para aquelas estudantes, pois elas também necessitavam do conteúdo.

Diante da situação, aquilo que eu havia planejado para os estudantes sem deficiência teve de ser alterado, reestruturado, adaptado, a fim de contemplar todos os estudantes, inclusive, aquelas com surdez.

No início, a comunicação com as estudantes Surdas se dava por mímica e escrita. Nesse processo de tentativa de uma comunicação, fui aprendendo com elas, pois, apresentaram-me uma nova língua, ao passo que fui ficando encantada com cada palavra, gesto e movimento que a Libras exigia para sua execução.

A partir dali, dei início aos cursos de Libras, com destaque para o curso particular intitulado *Comunicando com Surdo* – com uma professora Surda – e para os cursos fornecidos pela Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal – EAPE-SEEDF-GDF. Nesse sentido, melhor conheci essa nova língua, adquirindo habilidade e domínio.

Com o tempo, percebi que as estudantes com surdez supramencionadas também tinham que participar das atividades em sala de aula. Assim, quando de um trabalho a ser empreendido, eu explicava primeiro para os ouvintes e, em seguida, reunia-me com as duas estudantes Surdas, explicando-lhes, de modo adaptado, como deveriam realizá-lo. Como ninguém ali na turma tinha conhecimento de Libras, elas empreendiam os trabalhos entre si. Por exemplo: quando de um monólogo para apresentação, eu explicava o que tinham que falar e como deveriam atuar, as expressões e emoções contidas no texto, marcava ensaio com elas no contraturno para treinarem, a fim de apresentarem e serem avaliadas como os estudantes ouvintes.

Nesse viés, as estudantes Surdas participaram e realizaram todas as atividades propostas. Fui, então, conhecendo a capacidade que o Surdo tem de se expressar por meio do corpo. Passei a melhor observar os movimentos empreendidos por aquelas alunas para se comunicarem, os gestos utilizados para sinalizarem as palavras em Libras e as expressões faciais que a língua exigia para o entendimento da mensagem. Tudo era encantador e lindo de ver.

Os estudantes ouvintes ficavam olhando para as estudantes Surdas sinalizando sem entenderem nada, ao passo que alguns se arriscavam em tentar a comunicação com as mesmas. Posteriormente, depois de me perceber dominando a Libras, estava tão feliz em ver todo aquele movimento, estar entendendo tudo que estava acontecendo, estar compreendendo



o que minhas estudantes diziam. A partir daí, quando elas necessitavam falar algo importante com algum professor, com alguém da direção ou quando os professores necessitavam falar com elas, eu era requisitada para interpretar e ajudar na comunicação.

No ano seguinte, em 2005, fui convidada para ser intérprete em uma das três primeiras turmas bilíngues mediadas – turmas inclusivas com estudantes ouvintes e estudantes Surdos que fazem uso da Libras. Então, passei a atuar como intérprete da língua de sinais em uma turma de primeiro ano. O início foi bem tenso, pois nunca havia estado na condição de intérprete e ainda tinha muita por aprender. Com o tempo, fui acostumando, sentindo-me mais à vontade, contando com a colaboração dos estudantes Surdos, que tiveram boa vontade em compartilhar conhecimentos, pois aprendemos muito mais na prática com os próprios Surdos. A cada dia aprendia mais, buscava mais, fazia um curso diferente na área de Libras e retribuía aos Surdos todo o aprendizado obtido, partilhando minha experiência como estudante daquela língua.

Assim, desde o momento que cheguei no CEM 02, venho desenvolvendo trabalhos com os estudantes Surdos, buscando incluí-los na cultura ouvinte, nas atividades propostas pelos professores do modo mais dinâmico e prático possível.

Sem dúvida, minha formação em Artes Cênicas ajudou na condução das atividades coletivas, ao passo que a experiência de vida dos estudantes também era fundamental para um bom resultado dos trabalhos. Exercícios corporais e jogos teatrais sempre se faziam presentes para melhorar a interação e aprimorar os movimentos de cada gesto. Tais atividades contribuíam para uma melhor desenvoltura dos sujeitos do aprendizado na hora de apresentar os trabalhos em sala de aula.

De fato, a arte tem um papel importante na mediação do aprendizado. Ela oferta a liberdade de criação e expressão, de possibilidades de mudanças, tornando o ser humano um sujeito autônomo. Sobre a questão, Zagornel (2008, p. 29) assevera:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

A arte promove a expansão do olhar, recria novas formas de fazer arte, instigando o ser humano a perceber e a valorizar os pequenos detalhes no mundo vigente, tornando-se um sujeito crítico e autônomo.

Durante minha trajetória como intérprete de Libras, sempre busquei inserir os Surdos nas atividades escolares que os professores orientavam aos estudantes, pois não queria que eles ficassem de fora do processo criativo e avaliativo, mesmo que os professores dissessem que eles não precisavam apresentar. Achava um absurdo a exclusão de um grupo minoritário de uma atividade, de uma avaliação, sem oportunizá-lo mostrar o que é capaz de fazer. De minha parte, nunca deixei que ficassem de fora desse processo, ao passo que eles apresentavam os trabalhos, por vezes, de forma teatralizada – o que permitia mostrar o que eram capazes, elevando sua autoestima e contribuindo para que pudessem interagir com os estudantes ouvintes.

De fato, em alguns momentos, era possível perceber os estudantes Surdos sendo excluídos dos trabalhos – o que me deixava entristecida, pois era difícil para eles estarem em sala de aula e, por vezes, os próprios professores não os notavam ali; não davam importância para sua presença em sala de aula; não se preocupavam com eles. Com os colegas de turma, a situação era semelhante, ou seja, muitos não interagiam com os Surdos, não buscavam uma aproximação para descobrir como se comunicarem com eles. Basicamente, os Surdos somente se comunicavam entre eles ou com as intérpretes da escola – conhecedoras da Libras.

Na escola em questão, os alunos surdos chegaram a apresentar trabalhos de danças, de teatro, dublagens de músicas, seminários, entre outros, desenvolvendo-se e inserindo-se no processo ensino-aprendizagem, sendo avaliados de forma justa. Nas imagens a seguir, trago um recorte das atividades realizadas em um trabalho de inglês, onde a orientação era para a turma fazer uma paródia de uma música. Mas os Surdos a realizaram utilizando outras linguagens artísticas. Dividimos em grupos: um grupo ficou com músicas dos anos 60 (figura 7), onde eles fizeram uma pesquisa para saber como eram as danças e as roupas usadas naquela época. Em seguida montamos uma coreografia e eles providenciaram o figurino; Outro grupo fez uma dublagem da música *Money for Nothing* de *Dire Straits* (figura 8), onde os estudantes pesquisaram sobre a banda, assistiram vídeos para saber como a banda se comportava no palco para imitá-los, bem como o figurino que iriam usar; Por fim o grupo que ficou com a apresentação de uma cena de teatro da peça: *A boneca* (figura 9), é uma cena criada por eles que conta a história de uma boneca que ninguém queria brincar e que ganha vida depois de se apaixonar por um menino que lhe pegou para brincar e lhe dando carinho e ela despertou à vida. Eles se empenhavam e participavam das atividades com satisfação, pois sabiam que a linguagem artística corporal e expressiva era de pleno domínio.

Figura 7 – Dança dos anos 60.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 8 – Dublagem do grupo *Dire Straits*.

Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 – Teatro em Libras.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3 A INCLUSÃO DOS OUVINTES NA CULTURA SURDA

Uma escola inclusiva onde existem estudantes Surdos deve possuir intérpretes de LIBRAS e Sala de Recursos, além de desenvolver atividades que permitam disseminar a língua de sinais no ambiente escolar, buscando favorecer a comunicação dos primeiros com os demais segmentos da unidade. Sem dúvida, a escola deve promover a inclusão do estudante ouvinte na cultura surda.

A exclusão dos estudantes Surdos dentro do ambiente escolar é algo que sempre me inquietou, incomodou-me, sobretudo o fato destes não terem uma proximidade com os estudantes ouvintes, assim como eram os ouvintes entre eles. Por muito tempo pensei em como poderia reverter tal situação de exclusão no ambiente escolar.

Depois de perceber o quanto os estudantes Surdos se esforçavam para se adequarem ao ritmo dos estudantes ouvintes nas atividades, o quanto queriam fazer e participar dos trabalhos exigidos em sala de aula, o quanto queriam realmente interagir com os demais colegas que não tinham surdez, a vontade de se sentirem realmente incluídos, surgiu, então, uma grande oportunidade de mudança de tal cenário. Era o momento dos estudantes ouvintes experienciarem um pouco da cultura do Surdo, aprender mais sobre ela, saber como é fazer os trabalhos como eles fazem e sair da sua zona de conforto.

Passei, então, a incluir os ouvintes nos trabalhos com os Surdos, que apresentavam a maioria dos trabalhos de forma teatral. Passamos a convidar um ou dois estudantes ouvintes para fazerem parte dos grupos de trabalhos dos Surdos. Dessa forma, os Surdos lhes ensinavam alguns sinais e frases em Libras para eles sinalizarem na hora de apresentar.

O trabalho com o teatro na educação dos Surdos foi extremamente relevante na construção do aprendizado. A cada trabalho encenado, os demais colegas ficavam encantados com as apresentações e, vendo que alguns colegas ouvintes também estavam aprendendo Libras, sempre tínhamos um integrante novo no grupo dos Surdos querendo aprender um sinal e apresentar uma peça. Já não estavam preocupados com a timidez na encenação, queriam participar do processo, pois “A questão de ter ou não talento está relacionada a uma maior capacidade de cada um se submeter à experiência” (FREITAS, 2014, p. 85).

Os estudantes Surdos passaram a protagonizar nesse ambiente, sentiram-se valorizados, com a autoestima revigorada, perceberam que ali também era seu lugar de fala e que esse espaço também lhes pertencia. Estar ensinando sua Língua para os colegas e potencializar as relações em sala de aula contribuíram significativamente para o desenvolvimento pedagógico desses estudantes, que antes eram invisibilizados dentro de sala.

Já era hora desses jovens Surdos ganharem “voz” dentro do seu ambiente escolar, fazerem-se vistos e sair da invisibilidade, era hora de o protagonismo Surdo ter seu espaço nessa escola. Segundo Ribas Jr (2004, p. 6):

O termo “protagonismo” refere-se à nossa capacidade de participar e influir no curso dos acontecimentos, exercendo um papel decisivo e transformador no cenário da vida social. Exercer o protagonismo significa não ser indiferente em relação aos problemas de nosso tempo.

É preciso romper com as indiferenças no ambiente escolar e transformar o cenário atual em um lugar inclusivo e democrático, onde as relações interpessoais sejam equalizadas e os problemas minimizados, dessa forma estaremos fortalecendo as ações pedagógicas coletivas. Os estudantes Surdos estavam ali, sedentos por interação, por amizade e dispostos a ampliar seu repertório interativo com os ouvintes e potencializar sua capacidade de interferir positivamente no seu contexto escolar e social.

Assim, em 2008, o CEM 02 foi convidado a participar do Festival de Teatro na Escola, da Fundação Athon Bulcão – FUNDATHOS, mas nenhum professor se interessou. Pensando na questão da exclusão dos Surdos, na vontade que eles tinham de se relacionar

melhor com os colegas ouvintes e de mostrar a todos o potencial artístico que possuíam e, principalmente, em trazer o ouvinte para a vivência da cultura do Surdo, decidi participar do Festival em questão, levando os estudantes Surdos para o palco do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB.

Acredito que educar é também criar espaços para que o estudante potencialize a construção do sujeito crítico e autônomo, com práticas e vivências que corroborem com seu protagonismo. Então, reuni os estudantes Surdos da escola, apresentei o convite e expliquei como funcionaria a empreitada e que seria uma boa oportunidade de convidar alguns estudantes ouvintes para participar desse trabalho também, que seria um bom momento para se iniciar uma relação mais afetiva com os colegas ouvintes, apresentando-lhes a cultura surda, seus hábitos e sua língua. De imediato, eles concordaram.

Em seguida, convidei a professora Gélia Pacheco, também de Artes, para participar desse projeto, pois necessitaria de algum suporte estando com dois grupos diferentes – estudantes surdos e estudantes ouvintes –, além de interpretar para os Surdos e conversar como os ouvintes ao mesmo tempo. Com o auxílio da professora em questão, seria mais fácil conduzir o trabalho.

Depois de passar pela seleção e por uma avaliação prática, fomos selecionados para o referido Festival, fizemos o convite para os estudantes ouvintes por meio de uma divulgação (figura 10) para participarem e abrimos as inscrições. Contamos com uma lista de interessados e marcamos uma reunião – para as devidas explicações – com todo o grupo de estudantes (Surdos e ouvintes). Os estudantes Surdos ficaram muito felizes pela quantidade de estudantes ouvintes querendo participar do projeto.

A atividade em si era a montagem do musical “Os saltimbancos”: uma expressiva obra de teatro musical voltada para o público infantil, onde se têm as aventuras de quatro animais que, sentindo-se explorados por seus donos, fogem para a cidade e tentam a sorte como músicos (BUARQUE; BARDOTTI, 2016).

Figura 10 – Divulgação da seleção para Festival de Teatro na Escola.



Fonte: Elaboração própria.

A montagem do musical no contraturno da aula, no turno vespertino, deu-se com os ensaios no pátio da escola, onde o espaço era maior, o piso de cerâmica era limpo e o ambiente, mais arejado, favorecendo as atividades corporais que demandavam espaço. Para os encontros e as leituras iniciais da peça, fez-se uso da sala de vídeo da escola: uma sala ampla com capacidade para cerca de 80 pessoas.

Os estudantes contaram com oficinas realizadas pelo grupo da coordenação do Festival de Teatro na Escola, que visitavam as escolas partícipes, a fim de interagir e acompanhar o trabalho desenvolvido. Semanalmente, realizavam atividades de interação com o grupo. Os estudantes ouvintes tinham que empreender as atividades ao mesmo tempo em que os estudantes Surdos, pois tinham que esperar estes últimos receberem os comandos para depois executar o comando, até porque eles realizavam os jogos, por vezes, em duplas, mas os pares eram sempre formados de um Surdo com um ouvinte, promovendo uma dinâmica democrática e inclusiva.

Eu interpretava tudo para os estudantes Surdos e eles estavam tão felizes por estarem ali reunidos e interagindo em um mesmo trabalho com os colegas ouvintes que percebiam uma possibilidade de minimizar a exclusão, interagir com os ouvintes e ensinar sua língua para os colegas.

Enquanto a outra professora fazia a leitura da peça com os estudantes ouvintes no pátio, levei o grupo de Surdos para a sala de vídeo, a fim de apresentar a peça a eles, expliquei todo o contexto da história para, então, proceder à leitura da peça juntos, fala por fala,

ensinando cada palavra que eles, por acaso, não conheciam. Tal ação demandou algum tempo, pois era algo complexo para os estudantes Surdos, sendo que eles não dominavam a língua portuguesa e não entendiam certos contextos do texto. Assim, esclareci as falas e os contextos da peça, ao passo que eles entenderam a história da peça, estando empolgados para o pronto início dos ensaios.

Distribuímos os papéis por grupos, de modo que os estudantes Surdos fariam os papéis principais. A peça seria toda em Libras, onde os estudantes Surdos sinalizavam as falas à frente e o estudante ouvinte fazia o papel de sua sombra, dando voz para o Surdo na representação do personagem. Nesse sentido, para tal interação e sintonia na fala, os ensaios se deram com os grupos sentados juntos, onde os ouvintes começaram a entender e aprender certos sinais das falas dos Surdos: minha ideia inicial, ou seja, que os estudantes ouvintes passassem a aprender a língua de sinais com os próprios colegas Surdos.

Quando sentada na roda com todos os estudantes, observando-os no ensaio e os estudantes Surdos parando sua fala porque o colega ouvinte lhe questionou um sinal da Libras, meus olhos marejaram e um sorriso espontâneo surgiu em meu rosto, pois era o que eu mais esperava, tendo a certeza de que os estudantes Surdos também vivenciaram a mesma sensação. Os Surdos passaram a ensinar para os ouvintes alguns sinais na hora dos ensaios na medida em que eles iam lhes questionando. Assim, eles começaram a se aproximar, ao passo que percebi a interação entre eles e o início das amizades. Tanto eu quanto os estudantes surdos sabíamos da importância dessa interação e estávamos satisfeitos com o andamento dessas aproximações.

Como resultado, os estudantes Surdos melhor se desenvolviam em sala de aula, pois, o contato maior com os colegas ouvintes promovia mais espaço para diálogos no ambiente escolar. O trabalho foi fluído e em meio à comunicação entre os estudantes, à medida que, nos ensaios, davam-se atividades corporais que ajudavam no desenvolvimento corporal dos estudantes para a atuação nas cenas, uma vez que a peça exigia grande movimentação no palco por se tratar de um musical, sendo os jogos teatrais de grande serventia nesse processo. Os coordenadores do projeto do Festival em questão ensinaram a trabalhar com os jogos teatrais, explorando ao máximo a expressão corporal dos estudantes. Nos ensaios, pensei em potencializar o ensino da Libras dentro do processo de montagem da peça. Nesse sentido, foi possível apresentar uma das músicas somente na língua de sinais – um grande desafio, pois nenhum estudante ouvinte tinha conhecimento da língua.

A partir daí me propus a ensinar o básico de Libras para os estudantes ouvintes, como, por exemplo, cumprimentos básicos, saudações e alguns verbos, além de corroborar



com o estreitamento dos laços afetivos entre estudantes Surdos e estudantes ouvintes, e dos sinais relacionados à música que seria interpretada na língua de sinais. Por conseguinte, tive que ensinar os sinais da música para os estudantes Surdos, pois eles não conheciam e não sabiam proceder a tradução de músicas até então.

Em paralelo aos ensaios da peça, iniciei a oficina de Libras, onde pude compartilhar meu conhecimento da língua de sinais junto àquele grupo de estudantes que ainda não tinha tido a oportunidade de aprendê-la e que era dominada por seus colegas de turma. Assim, os estudantes ouvintes se mostraram empolgados com o aprendizado, pois era como se eles estivessem em um lugar totalmente escuro e, de repente, avistassem uma luz em algum lugar, ficando, a partir daí, tudo mais claro. Eles perceberam a oportunidade de praticar uma língua diferente – já inserida em seu meio – e que havia um grupo de colegas Surdos ao seu lado para praticarem e ensinarem um pouco mais.

Nessa empreitada, foram horas de oficina e ensaios. Eu me divertia enquanto ensinava e estava orgulhosa de mim e de todos os estudantes, pois percebia desempenho e esforço de cada um para aprender e dar o melhor de si na peça. Depois de uns dias repassando o aprendizado de Libras e ensaiando a música que iriam apresentar, tudo estava finalizado.

De fato, os estudantes ouvintes tendiam a sair desse projeto com alguma bagagem de cultura, aprendendo uma nova língua, aprendendo um pouco mais de uma cultura totalmente diferente da sua, com novos amigos e com uma nova consciência de diversidade cultural. Tal projeto trouxe para todos novos conceitos e o respeito ao próximo e à diversidade existente dentro do ambiente escolar.

Depois do processo concluído, estava na hora de apresentar para todos o belíssimo trabalho desenvolvido em conjunto, onde cada um se entregou ao máximo a cada ensaio, dando o melhor de si. O elo de amizade formado com tanta afinidade e o crescimento do potencial artístico de todos os envolvidos era o que havia de ser apresentado. Assim, empreendeu-se uma apresentação no CEM 02 como uma espécie de prévia, culminando em uma linda apresentação.

A apresentação oficial se deu no Festival, sendo realizada no CCBB. Naquele evento, nunca haviam visto algo parecido, ou seja, uma peça em Libras com a participação de estudantes surdos como atores principais, com destaque para a expressividade corporal durante a apresentação de *Os saltimbancos* em função da língua de sinais – uma língua totalmente expressiva (figura 11). Ao final da apresentação, o público ficou encantado, aplaudindo de pé. Foi um lindo trabalho que se destacou pelo show de expressividade dos

movimentos realizados durante a peça, porque a Libras se mistura com gesto, expressão e, principalmente, emoção.

Figura 11 – Os Saltimbancos, personagem do Jumento sinalizando em Libras.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 12 – Os Saltimbancos, fim do espetáculo.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 13 – Os Saltimbancos, música *Dorme a Cidade*.

Fonte: Elaboração própria.

Em 2009, pensando em disseminar a Libras no ambiente escolar e ajudar na comunicação com os estudantes Surdos, realizei uma oficina de Libras Básico para os professores do CEM 02 no horário da coordenação pedagógica<sup>7</sup> – algo muito oportuno, pois eram os mesmos professores que lecionavam para as turmas onde os estudantes Surdos estavam inseridos. Com a oficina, aqueles professores conheceram um pouco mais sobre a vida do seu aluno Surdo, suas limitações, sua história, as leis que os amparam e seus direitos enquanto alunos e cidadãos. E, ainda, tiveram conhecimento dos conteúdos relacionados ao cotidiano e interagiram com as atividades práticas sugeridas; puderam se expressar mais; e, aprenderam a utilizar o corpo para se comunicarem por meio das dinâmicas com foco no corpo e na expressão corporal realizadas nas aulas – quando da volta para suas salas de aula como regentes, já arriscavam uma pequena interação com seu aluno surdo, que sentiam orgulho desse professor por sua dedicação.

Faz-se importante salientar que todo início de ano no CEM 02, quando da chegada de novos estudantes Surdos, é a mesma coisa: eles quase não se comunicam com os colegas ouvintes e passam a maior parte do tempo dialogando entre si ou com os professores que dominam a Libras e seus intérpretes. No início de 2018, pensando nessa pouca interação entre estudantes Surdos e ouvintes dentro de sala de aula, na exclusão que os Surdos sofrem dentro do ambiente escolar por falta do uso da língua de sinais por outros indivíduos que não tem

---

<sup>7</sup> A coordenação pedagógica é um momento importante no ambiente escolar e tem o papel de articulação diante dos propósitos educacionais de uma escola. É o momento de planejamento das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas em prol do ensino do estudante e da formação e capacitação dos docentes.

surdez, pensei em fazer algo para contribuir com a comunicação entre Surdos e ouvintes e em disseminar a Libras naquele ambiente escolar, de modo que os ouvintes passariam a se inserir na cultura dos Surdos e conhecer um pouco mais sobre a língua e a cultura deles. Era preciso dar visibilidade ao sujeito Surdo e sua língua, de fazer o outro aprender a língua de sinais e propiciar uma socialização igualitária no ambiente de convivência entre Surdos e ouvintes.

Nesse sentido, pensei em realizar uma oficina de Libras para os estudantes primeiro ano C, turno matutino: uma turma com aproximadamente 36 alunos, onde estavam inseridos os estudantes surdos e onde eu atuava como intérprete da língua de sinais. A proposta da oficina surgiu a partir do meu ingresso no Programa de Mestrado Profissional *Stricto Sensu* em Artes do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília – PROF-ARTES-CEN-IdA-UnB, onde me propus a promover uma oficina de Libras com uma pequena montagem de uma cena teatral ao final da oficina.

Como não tínhamos nenhum horário vago para colocar em prática a oficina e muitos estudantes não poderiam estar presentes no contraturno para as aulas, pensei em promovê-la na disciplina Parte Diversificada – PD, destinada a trabalhar com projetos na escola.

Solicitei, então, à diretora da escola e à professora da disciplina PD para fazer uso de sua aula para ministrar a oficina de Libras para a turma supramencionada no horário de aula. Com a resposta positiva de ambas as partes para o desenvolvimento da oficina, seu início se deu no mês de agosto de 2018. A aula tinha 45 minutos e acontecia no terceiro horário – momento que antecede o intervalo. Na primeira aula promoveu-se uma conversa sobre a história dos Surdos, sobre os direitos e as leis que os aparam, sendo um momento bem interessante, pois, os estudantes não tinham conhecimento de nada a respeito dessa cultura, apresentando muitos questionamentos sobre a temática.

A convivência em um ambiente escolar onde existia a segregação e a pouca interação entre estudantes Surdos e ouvintes por falta de conhecimento da língua de sinais formou um dos aspectos iniciais que me levaram a refletir sobre o assunto. Além disso, presenciei esforços dos estudantes Surdos para serem percebidos por seus colegas de classe na tentativa de manter um diálogo entre ambos, porém, existia um abismo entre eles.

Por vários dias, refleti sobre essa questão na tentativa de encontrar caminhos ou possibilidade que aproximassem Surdos e ouvintes em um processo de comunicação entre eles. Por ser uma professora de Artes Cênicas, a ideia foi oportunizar experiências artísticas com o fomento à criação em Artes nesse espaço. Dessa maneira, foi pensado na oportunidade de criar uma oficina de Libras para uma turma no turno regular de aula. A única dificuldade

seria encontrar um professor que cedesse suas aulas para a aplicação da oficina. Uma alternativa seriam as aulas de Prática Diversificada – PD – que são ideais para a realização de projetos.

Pretendemos que a oficina amplie o conhecimento sobre a língua de sinais ao proporcionar um diálogo entre estudantes com e sem surdez no ambiente escolar. Além de possibilitar a inclusão no convívio social, a equidade no processo de ensino e aprendizagem e a experiência estética artística no contexto da língua de sinais.

Os procedimentos metodológicos adotados para a aplicação da oficina de Libras incluíam apresentação de imagens com sinais em Libras, que correspondiam a grupos de palavras distribuídos por temas como frutas, família, verbos, animais, calendário, números; atividades impressas ou escritas relacionadas a cada tema; jogos, ao final de cada atividade, onde era possível trabalhar o corpo e as expressões dos estudantes; e uma criação cênica no final da oficina, fazendo uso do vocabulário aprendido.

Como alvo dessa oficina, foi escolhida a turma do 1º ano C, onde estavam inseridos os estudantes Surdos da escola. Foi realizada durante o 3º bimestre do ano de 2018 no Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina. A oficina foi distribuída em 10 aulas de 45 minutos no período matutino.

Uma hipótese para essa oficina é a perspectiva de minimizar a exclusão dos sujeitos Surdos nas atividades pedagógicas. Isso poderia corroborar com a comunicação básica entre esses estudantes em sala de aula, e despertaria uma consciência estética e artística para que conseguissem potencializar seus momentos criativos no ambiente escolar.

A oficina foi estruturada de forma que a teoria fosse associada às vivências desses estudantes dentro do contexto escolar, com as práticas voltadas para a linguagem teatral onde podiam exercitar e ampliar a expressão corporal.

No teatro com surdos, (...), os jogos contribuem para um trabalho interativo, com surdos e ouvintes, onde cada um trabalha para alcançar seus objetivos, como atores e observadores, mas experimentando ações em conjunto e vivenciando experiências que transporão para a vida diária (FREITAS, 2014, p. 85).

Os estudantes encenaram algumas vivências cotidianas por meio de esquetes como encerramento da oficina, sendo a Libras o principal recurso comunicacional da cena.

Para a melhor compreensão sobre a dinâmica desenvolvida durante a oficina, detalhamos todas as aulas a seguir. Em cada encontro foram realizados comentários reflexivos

acerca do processo de aprendizagem cênica e da construção estética da expressividade corporal.

### 3.3.1 Aula 01

Antes de qualquer apresentação, pediu-se para que todos dispusessem as carteiras em formato de U: a melhor disposição para se aprender Libras, pois como é uma língua visual espacial, isto é, utiliza do espaço à sua frente para sinalizar e estabelecer a comunicação, todos poderiam acompanhar a sinalização. Mas como a sala é pequena, por vezes, ficam algumas carteiras na frente de outras, comprometendo a visão de quem está atrás. Nesse sentido, foi preciso adaptar-se à situação e tentar contemplar a todos de modo colaborativo.

A aula teve início com as apresentações individuais, do meu curso no ProfArtes-UnB e do objetivo da oficina em si. Brevemente relatou-se a história do Surdo, as leis que amparam a língua, os direitos dos Surdos e a cultura surda.

Posteriormente, deu-se início à parte prática da oficina: o aprendizado do alfabeto manual<sup>8</sup>, sendo distribuída uma folha contendo a imagem de cada letra do alfabeto e suas configurações, para que cada um pudesse praticar com seu material. Logo, começaram a copiar as imagens que estavam no papel e se animavam com cada letra que conseguiam fazer, comentaram sobre a dor nos dedos que sentiam pelo esforço que faziam para reproduzi-las. Eram movimentos que não estavam habituados a praticar, ao passo que se explicou que tal fato era normal e que logo passaria, mas que era recomendado que continuassem praticando em casa o alfabeto manual para reforçar o que aprendiam.

Após o ensino do alfabeto, cada estudante foi se apresentar para os colegas. De pé e espalhados pela sala em duplas, cada um fez seu nome para o outro e trocando de pares, até que todos tivessem se apresentado e conhecido os colegas. Para exercitar o alfabeto, destacou-se algumas palavras no quadro para que todos praticassem. Alguns estudantes foram convidados para ir à frente praticar onde falávamos uma palavra no ouvido de cada um para que os outros não soubessem e este soletrava a palavra para que a turma adivinhasse qual era.

Na sequência, era hora de aprender “Os Números” com um questionamento do tipo: qual o número de suas casas? Quantas pessoas moram em sua residência? Qual o número do seu celular? Quantos filhos você tem? Quantos irmãos você tem?

---

<sup>8</sup> O alfabeto manual ou datilologia é a representação das letras do alfabeto escrito produzido por diferentes formatos das mãos. É utilizado para soletrar, no espaço neutro, o nome de pessoas, lugares e outras palavras que ainda não possuem sinal.

Na lousa, apresentaram-se algumas contas envolvendo as quatro operações da Matemática para que a turma desse a resposta em Libras. Procedeu-se uma atividade prática: um jogo que exigiria certo trabalho corporal, agilidade, raciocínio rápido, memória e muita atenção. O jogo assim se apresentou: fez-se uma conta qualquer com qualquer operação matemática, ao passo que eles dariam a resposta formando grupos; logo, quem ficasse sem grupo ou respondesse errado estava eliminado. Por exemplo: fazíamos em Libras a conta  $2 \times 3$ ; então, todos teriam que pensar rápido e juntar-se em grupos de seis pessoas apenas – a resposta da pergunta. Nesse viés, procederam-se aproximadamente seis perguntas, finalizando o jogo. Por fim, distribuiu-se uma atividade com números para praticarem em casa. O encerramento da aula se deu com uma avaliação do primeiro dia e, como resultado, a turma gostou da experiência, mostrando-se ansiosos e curiosos para aprender mais.

Figura 14 – Aula de PD – Libras, cadeiras em U.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 15 – Aula de PD- Libras, jogo dos números.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3.2 Aula 02

Essa aula destinou-se ao ensino dos cumprimentos básicos e saudações, tais como: oi, bom dia, boa tarde, boa noite, desculpa, obrigado, com licença, até logo, por favor e de nada – sinais seguidos de expressões faciais, onde é possível identificar a intenção de cada sinal. Com os sinais já aprendidos, era hora de praticá-los.

Com o espaço central da sala de aula desocupado, a turma ali se espalhou em duplas, quando, então, se cumprimentavam, iniciando um pequeno diálogo com as palavras aprendidas e criando situações improvisadas. As duplas eram trocadas a cada novo diálogo. Notou-se a alegria da turma ao aprenderem os cumprimentos, pois, com eles, já era possível interagir com os Surdos com o pouco que aprenderam.

Nessa aula ensinou-se ainda o tema “Família”. Foram exibidas imagens em cartazes de todos os sinais relacionados aos membros que compõem ou têm relação com a família. Em conjunto, formularam-se frases com as palavras apresentadas, para que os estudantes visualizassem cada sinal, cada movimento e expressão. Dessa forma, o aprendizado se mostrou mais significativo.

Procedeu-se um jogo onde cada estudante recebeu uma folha de papel, na qual havia uma tabela com 6 espaços, escrevendo, em cada espaço, o nome de um integrante de sua família. Em seguida, formam-se duplas e trocaram-se os papéis e cada um tenta adivinhar



o parentesco de cada nome escrito na tabela do colega. Por exemplo: Maria – é sua tia? Sua cunhada? Sua prima? Até que se acerte o parentesco. O jogo acaba quando a dupla descobre todos os parentes das tabelas. Tal atividade foi bem descontraída, gerando muitas risadas e evidenciando o entrosamento e a descontração dos alunos para a realização das atividades de interação.

Fez-se uma atividade prática para trabalhar o corpo e a expressão corporal – esta última, de importância fundamental para a atuação com Libras e muito utilizada nas aulas de teatro. Para tanto, a turma foi dividida em grupos de cinco pessoas, onde cada qual criaria uma cena de mímica retratando uma cena em família. A turma deveria adivinhar qual era a situação apresentada e quem era quem na cena realizada – o membro da família ali representado. Percebeu-se que os estudantes não apresentavam tanta fluência nas expressões, não logravam se soltar por inteiro, pois muitos nunca fizeram ou participaram de nada parecido, nunca precisaram se expor dessa forma na frente de tanta gente. Mas o resultado foi satisfatório por ser uma primeira vez, ao passo que alguns personagens foram acertados e outros não, perfazendo a capacidade de expressão dos alunos até o momento, onde era preciso melhorar nas expressões e quem ainda não estava à vontade para se expressar.

De fato, procedeu-se uma atividade muito divertida, onde as relações interpessoais foram intensificadas, permitindo uma aproximação entre os partícipes e facilitando a realização das atividades e dos jogos realizados no decorrer das aulas.

Figura 16 – Aula de PD- Libras.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3.3 Aula 03

A aula de hoje foi dedicada ao tema “o calendário”, com imagens seguidas das palavras que as representam na língua portuguesa. Conforme eram estudadas, criava-se uma frase onde a palavra poderia ser aplicada. Nesse momento, os estudantes aprendiam o sinal da respectiva palavra dentro da frase em Libras. Logo, a memorização do sinal e seu contexto facilitam o aprendizado com um jogo para ajudar nessa memorização.

Numa caixinha com vários papéis cortados, continham, de modo separado, os meses do ano e as datas comemorativas. Cada estudante, então, retirava um papel, não mostrando para o outro. Todos que pegaram papéis com datas comemorativas se apresentavam, cada qual fazendo uma mímica para dizer a palavra sorteada. Os outros que pegaram os papéis com os nomes dos meses ficavam de olho para identificar a comemoração referente ao mês que foi sorteado e, ao identificá-la, o estudante se dirigia até o colega e fazia o nome do mês na datilologia, a fim de averiguar o acerto. Alguns meses não têm comemoração e, para aqueles que pegaram os papéis, pertinentes, teriam que fazer uso da criatividade para expressar algo que identificasse, para, em seguida, encontrar seu par. Tal dinâmica se mostrou importante, pois os estudantes necessitam fazer uso das expressões faciais para se fazerem compreender e passarem a mensagem corretamente. Nesse ínterim, alguns sentiram dificuldade talvez ainda por timidez ou por outro motivo qualquer. Mesmo assim, todos eram presenteados com motivação, incentivo e dicas, para que pudessem concluir a tarefa.

Passou-se ao próximo tema: “Verbos”, onde se apresentou imagens dos sinais e ensinou-se como executá-los. Foram distribuídos papéis com nomes de verbos, onde cada estudante formulava uma frase com o verbo recebido para, em seguida, apresentar-se e sinalizar sua frase para a turma identificar.

Na avaliação da atividade, alguns apontaram como aspecto negativo a questão da timidez e o fato de não terem tido essa experiência antes, mas gostaram da proposta, pois, além de aprenderem os sinais, estão se soltando socialmente.

Figura 17 – Aula de PD- Libras, sinal de “mês”.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3.4 Aula 04

Na quarta aula, aprendeu-se um pouco mais de verbos com suas imagens e seus sinais. A turma formulou frases com os novos sinais e aprenderam também o próximo tema: “Frutas”, onde visualizaram as imagens referente a cada sinal. Fez-se um jogo para memorizar os sinais, para o qual toda a turma deslocou-se para uma área verde em frente à sala de aula para a realização do jogo, pois este requeria espaço e movimentação.

Todos se dispuseram em um grande círculo. Foram escolhidos cinco tipos de frutas que foram distribuídos entre 5 grupos de estudantes de modo aleatório, falando no ouvido de cada pessoa para que ninguém soubesse a do colega. Posicionei-me no centro da roda e, quando eu fizesse o sinal de uma determinada fruta, aquelas pessoas que tinham esse nome, e somente elas, deveriam trocar de lugar imediatamente para que não ficassem sem lugar, pois, eu pegaria o lugar de uma pessoa.

A pessoa que sobrasse ficaria no centro e daria o comando da próxima rodada. Procederam-se 6 rodadas para a fixação dos sinais dessas frutas e se descontraíssem um pouco mais com o jogo. Tudo foi muito divertido e a turma parecia estar como crianças bem animadas. O jogo anteriormente apresentado trabalhou a memória, o reflexo, a agilidade e o cuidado com o outro.

Ao final da aula, fez-se uma reflexão sobre a empreitada, mostrando-se positiva, apesar de algumas alunas expressarem que não possuíam agilidade, pois não estavam

acostumadas com esse tipo de atividade e que achavam que não conseguiriam. Os próprios colegas as motivaram e elogiaram-nas, expressando que se saíram bem, sim. E, ainda, salientaram que esses tipos de jogos e dinâmicas são bem empolgantes e muito auxiliam na memorização dos sinais, tornando a aula um momento bem animado.

Figura 18 – Aula de PD – Libras, jogo das frutas.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3.5 Aula 05

Como tema desta aula, tratou-se das “Cores”. Apresentou-se as imagens das cores com seus respectivos sinais. Como a turma já se encontrava com um vocabulário básico, resolveu-se intensificar a prática dos sinais aprendidos. Para tanto, escolheu-se um texto simples, ao passo que cada aluno foi chamado à frente para sinalizar uma frase. Assim, enquanto se verbalizava a frase oralmente, o aluno tentava acompanhá-la em Libras. Com essa experiência, a turma começou a apresentar maior segurança na sinalização da língua de sinais, evitando o uso de papel para recordar os sinais que já aprenderam.

Na sequência, iniciou-se o tema: “Alimentos”. Assim, apresentaram-se à turma as imagens e os sinais de alguns alimentos e bebidas. Em seguida, os estudantes foram separados em grupos de quatro ou cinco pessoas. Juntaram-se, então, as carteiras e foram distribuídos quebra-cabeças. Os partícipes deviam montá-los e descobrir que sinal se fazia ali

representado. Identificado o sinal, deveriam formular uma frase com o mesmo e compartilhá-lo com a turma.

Ao final da aula, a turma comentou sobre um início de interpretação que compartilharam e que não acharam fácil, porém, importante para se soltarem mais e ficarem mais relaxados na hora da interpretação e que trabalhar o lúdico do jogo para memorizar os sinais foi uma ótima experiência.

### **3.3.6 Aula 06**

O tema do dia foi “Animais”. Nesse sentido, para cada aluno, fez-se a distribuição de um papel, que não poderia ser apresentado ao colega. Nele, estava escrito o nome de um animal, com os nomes de alguns pares de animais (macho e fêmea). Espalhados pelo espaço ao centro da sala de aula, todos deveriam se expressar por meio do corpo e de movimentos e ações que demonstrassem o animal apresentado no papel recebido. Desse modo, cada um observou bem os movimentos dos outros, tentando identificar o par do seu animal. Feito isso, eles se juntaram em pares. A partir daí, aprenderam os sinais dos animais ali apresentados, ao mesmo tempo em que se tratou da expressão corporal e sua importância, pois, para se fazer entender, é necessário se expressar bem. Para dar ênfase à questão, tratou-se sobre a expressão do corpo em uma cena teatral e no uso da Libras, refletindo sobre seu papel fundamental no contexto artístico e na própria língua de sinais.

A partir de então, foi trabalhado o tema “Expressões Faciais”. Apresentaram-se imagens das mais variadas expressões faciais, bem como a representação e a situação em que devem ser utilizadas. Tratou-se da importância dessas expressões e o que elas representam em uma fala, que mensagem devem transmitir e o que ocorre quando não utilizadas corretamente. Fez-se uma dinâmica para a prática das expressões, onde se encontravam na lousa as imagens de várias expressões faciais e um estudante ia à frente, recebia uma pequena frase para ser repetida, escolhia uma das expressões para apresentar com a frase. Por exemplo: a frase “Na fazenda da vovó, o amanhecer é mais bonito”. A expressão escolhida: raiva. O aluno falava essa frase na língua de sinais com a expressão facial de raiva.

Após essa dinâmica, procedeu-se outra para exercitar as expressões faciais. Assim, distribuíram-se balões de uma mesma cor para a turma que, com um pincel, desenhavam qualquer uma das expressões apresentadas na lousa. Todos ficaram de pé no centro da sala de aula com seu respectivo balão e, quando de um comando, jogaram os balões para o alto, misturando-os. Nesse mesmo momento, cada aluno pegou qualquer balão antes

que ele pudesse cair no chão. Por conseguinte, todos se sentaram e identificaram a expressão facial representada no balão. E ainda, quando da escrita de uma frase na lousa, cada aluno pronunciou a frase oralmente fazendo uso da expressão existente no seu balão.

A avaliação dessa aula foi bem positiva, pois a turma se empolgou, achou divertida e sorriu bastante de todo o ocorrido.

### **3.3.7 Aula 07**

Essa aula foi dedicada ao estudo da interpretação de um texto. A turma, então, recebeu textos diferentes, onde cada aluno deveria ler e pensar no melhor modo de interpretá-lo, fazendo uso das estratégias aprendidas nas aulas anteriores. Todos ficaram à vontade para empreender a tradução e trocar de texto com os colegas. Algumas dúvidas em relação às estratégias de tradução foram surgindo e eu me dirigi a todos individualmente para esclarecer as dúvidas. Foi um momento de grande aprendizado, a turma se empenhou bastante nessa tarefa e o resultado foi bem positivo, pois essa experiência instigou-os ainda mais a pôr em prática toda essa troca de conhecimento.

Os estudantes se dedicaram à parte prática do estudo da interpretação, colocando em prática o planejamento de interpretação que fizeram do texto. Cada estudante se dedicou ao texto que lhe coube, ao passo que o atendimento individual continuou sendo realizado e sondei como estavam se saindo nas traduções. Tal prática durou toda a aula.

### **3.3.8 Aula 08**

Esta aula foi destinada às apresentações dos textos que foram estudados e traduzidos na aula anterior, em que cada estudante apresentou, fazendo sua interpretação para a turma.

Ao final da aula, refletiu-se sobre a atividade, apesar do nervosismo de estar diante dos colegas interpretando um texto completo sozinho. Tal experiência se mostrou interessante e muito rica, uma vez que a turma pôde compartilhar os estudos e pesquisa empreendidos.

Ao final das apresentações, tratou-se do trabalho final do bimestre: uma pequena cena teatral apresentada em Libras. Para tanto, explanou-se a dinâmica do trabalho, no qual os estudantes foram divididos em grupos, comentaram sobre o tema e a cena que apresentariam,

sendo esta, com ou sem cenário e figurino, pois o foco principal era expressão corporal e a língua de sinais.

A aula foi finalizada com muita expectativa por parte dos estudantes para esse trabalho.

Figura 19 – Aula de PD – Libras, planejando o trabalho final.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3.9 Aula 09

Nessa aula, os grupos se espalharam pelos espaços da sala de aula e nos espaços da escola onde pudessem se movimentar e praticar os ensaios. Começaram a trabalhar pela leitura do texto, a fim de sentirem as primeiras impressões pessoais. Por conseguinte, empreenderam a prática em Libras com as devidas expressões e sentimentos que o texto exigia na interpretação da cena. Ensaíram durante todo o tempo, passando o texto e fazendo as marcações das cenas.

No fim da aula, discutiu-se o processo realizado até ali, ao passo que alguns se manifestaram nervosos e inseguros, com receio de não conseguirem lembrar de todos os sinais da peça, mas foram tranquilizados que não estariam sozinhos, pois todos ajudariam quem precisasse caso esquecesse algum sinal ou poderiam improvisar também, pois o improviso faz parte do teatro.

Figura 20 – Aula de PD – Libras, ensaio.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 21 – Aula de PD – Libras, ensaio.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.3.10 Avaliação do processo realizado

O início da aula foi dedicado à preparação dos grupos. Após tudo organizado, as apresentações foram iniciadas, divertindo a todos os presentes. Nesse viés, os grupos se apresentaram na sala de aula e um grupo precisou de mais espaço; então, fomos para a sala de multimídia, que tem um espaço maior. Todos ficaram emocionados com a evolução obtida, pois muito se dedicaram, sendo o resultado extremamente positivo.

Quando do término das apresentações, fez-se uma avaliação dos grupos, corrigiram-se alguns sinais que porventura tenham saído errado e falamos sobre as expressões corporais e faciais. A turma gostou muito do que vivenciou nesse bimestre, pois foi algo diferente do convencional, nunca tivera essa experiência anteriormente, e pudera aprender, além da língua, o respeito ao outro e a incluir e a interagir com o colega que tem necessidades educacionais especiais. Ao final, uma salva de palmas para todos que foram excelentes atores no dia de hoje.



Figura 22 – Aula de PD – Libras, apresentação.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 23 – Aula de PD – Libras, apresentação.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 24 – Aula de PD – Libras apresentação.



Fonte: Elaboração própria.

Durante a aplicação dessa oficina, notou-se, a cada aula, a mudança na interação dos estudantes dessa turma. O benefício observado não foi apenas no aprendizado de uma nova língua, mas no fortalecimento dos laços de amizade que se firmaram a cada atividade coletiva, a cada lição aprendida. Aprendendo Libras, esses estudantes aprenderam também o respeito ao próximo, à sua cultura, à sua individualidade e aos seus limites.

Se antes essa turma não sabia como lidar com seus colegas com surdez, agora aprenderam como se comunicar, como fazer trabalhos com eles, como avisá-los quando o intervalo acabar e eles não escutarem o som do sinal; aprenderam que ser Surdo não significa ser isolado e tratado diferente, mas, sim, ser tratado na igualdade, respeitando sua língua materna.

De fato, não se esperava um domínio com fluência de Libras ao final desse processo, mas possibilitar uma comunicação básica na língua e uma consciência de um corpo expressivo e capaz de se comunicar por meio dele. A fluência vem a partir do interesse em aprofundar o assunto, mas plantou-se a semente da Libras, instigando, nos partícipes, o interesse, o conhecimento e a prática da língua de sinais.

Com o encerramento da oficina de Libras no terceiro bimestre de 2018, conforme combinado com a direção do CEM 02, percebeu-se positiva a experiência desse tempo com os estudantes no que tange ao ensino da língua que estava ali diante deles. Tinha-se, então, uma turma de alunos que falava o português e a língua de sinais, e que tivera a oportunidade de

aprender um pouco mais desta última e que os melhores professores dessa língua também estudam nessa mesma turma: os próprios estudantes surdos.

Com a repercussão da oficina que se espalhou pela escola e pela comunidade, pois os estudantes da turma contemplada comentavam com seus colegas e familiares, esses ficaram curiosos e interessados também. Assim, pensando na comunicação dos Surdos não somente no ambiente escolar, mas na sociedade em geral onde eles convivem e que nem todas as pessoas têm o conhecimento e o acesso ao ensino da Libras, buscou-se outra possibilidade de aplicação da oficina para contemplar esse público.

### 3.4 O IMPACTO DO TRABALHO NA COMUNIDADE

Certo dia do mês de junho de 2018, recebi o telefonema do comandante do 14º Batalhão de Polícia Militar do Distrito Federal – 14º BPM, Genilson Alves Duarte, convidando para uma reunião no respectivo Quartel de Polícia. Genilson e eu somos amigos desde a adolescência, quando fizemos parte da banda de música da cidade. Na reunião, ele apresentou o *Projeto 14º.Com (de Comunidade)*, que surgiu a partir das diversas solicitações da comunidade local pela implantação de atividades extracolegais via ludicidade e em benefício da conservação e do desenvolvimento da saúde física, mental e espiritual, de modo a ocupar o tempo vago das crianças. Tal projeto possibilitava a aproximação entre a comunidade e a Polícia Militar – PM pela prática esportiva e pedagógica, valorizando a formação do cidadão, além de dar continuidade à ação educativa escolar e familiar, permeando a instituição policial militar como base de apoio às famílias carentes.

O Projeto supramencionado tinha por norte atender à comunidade com aulas de línguas, com a oferta de espanhol, inglês e francês, ministradas por profissionais voluntários. Na ocasião, fui convidada a fazer parte desse projeto com as aulas de Libras – a língua ganhou certa visibilidade na comunidade ao saber da oficina ministrada no CEM 02.

Nesse convite, percebi uma boa oportunidade de expandir o ensino de Libras e proporcionar uma experiência estética e artística para a comunidade em geral. Com isso, o ensino da língua de sinais extrapola os muros da escola, obtendo visibilidade e sendo disseminada pela comunidade, já que os Surdos estão por toda a sociedade, fazendo-se necessário preparar a população para esse contato e a comunicação com o sujeito Surdo.

Decidiu-se, então, que seria um curso de 60 horas com certificação emitida pelo próprio Projeto 14º.Com e que atenderia uma turma de 30 alunos, com aulas às terças e quintas-feiras, de 14 h às 17 h, no período entre 20 de agosto de 2019 a 30 de outubro de

2019. O curso teve sua divulgação via *folder* virtual em grupos no aplicativo *WhatsApp* e na rádio Terra 98.1 FM. Diante da demanda de inscrições, fez-se um sorteio das vagas para que o processo fosse mais democrático.

Figura 25 – Flyer de divulgação do curso de Libras no 14º.Com.



**Curso Básico de**

**LIBRAS**

**Requisitos:**

- Ensino fundamental completo;
- idade mínima 15 anos

**Informações:**

(61) 995523350 / 14º BPM  
 AE 13 Setor Norte  
 Planaltina DF

**Inscrições para o sorteio de vagas no 14º BPM**

**Aulas no Turno Vespertino**  
 Terças e Quintas  
 de 14:00 às 17:00

**Inscrições:**  
 14 a 19 de agosto  
 de 08:00 às 11:00

**Serão 30 vagas**

**Realização: 20/08 a 31/10/2019**

Universidade de Brasília

UDESC  
 Universidade de Extensão e Desenvolvimento Social

Prof-Artes  
 Mestrado Profissional em Artes

Fonte: Elaboração própria.

Figura 26 – Nome dos sorteados para o curso de Libras no 14º.Com.



Fonte: Elaboração própria.

### 3.4.1 O curso de língua brasileira de sinais

A proposta de ofertar o curso de Libras no Projeto do 14º.Com foi a mesma aplicada no CEM 02 para os estudantes do 1º ano C, que consistiu em incluir os ouvintes na cultura surda, ensinando-os o básico da língua de sinais e potencializando a comunicação entre Surdos e ouvintes no ambiente escolar e na comunidade onde vivem. A ideia foi fomentar o uso das expressões corporais e faciais na comunicação e na transmissão de mensagens, buscando minimizar a exclusão social do sujeito Surdo – sujeito naturalmente expressivo em virtude da exigência da própria língua – e corroborando com sua participação nas atividades pedagógicas escolares e culturais, potencializando uma experiência artística entre os pares através da encenação teatral.

O curso foi distribuído em 20 aulas, nas quais a teoria era associada à experiência do cotidiano da sociedade, com práticas que se relacionavam com a expressão corporal e a linguagem teatral. Tais práticas tinham a finalidade de reforçar o aprendizado e ampliar a

expressividade corporal. A culminância dessa oficina se deu com uma vivência cênica, a partir de contos e histórias infantis escolhidos pela turma para serem encenados.

Como resultado dessa oficina, os participantes experienciaram uma vivência cênica quando produziram uma peça teatral em Libras, com o objetivo de materializar a aprendizagem adquirida durante as aulas. Para o desfecho da oficina, aplicou-se um questionário aberto para todos em que avaliaram suas experiências durante o curso e seus progressos no percurso de aprendizagem significativa.

Desde o início do planejamento do curso em questão, tinha-se em mente trabalhar uma peça teatral em Libras como encerramento. A ideia era que a turma pudesse identificar nas falas os sinais conhecidos, culminando no entendimento da história que estava sendo contada.

Diante do exposto, bem como da vivência particular com o ensino de Libras e com as atividades artísticas, o planejamento daquele curso se deu com base nessa experiência pedagógica, apoiada em Freitas (2014), que prioriza a interação harmônica entre as pessoas, o diálogo entre as culturas e a diversidade, que se refere às práticas que reconhecem a diferença, com vistas ao desenvolvimento do potencial humano.

Ainda no decorrer do curso no *Projeto 14º.Com*, os estudantes puderam se expressar espontaneamente de acordo com suas limitações, ao passo que a interatividade se deu conforme a participação nas atividades realizadas. A sala de aula disponibilizada para as aulas era pequena e cheia de carteiras, o que dificultava a parte prática do curso. Porém, toda aula nós tirávamos algumas carteiras e colocávamos no corredor para ter um pouco mais de espaço e para facilitar a visão geral da turma. Assim, foi possível trabalhar com a turma a expressão corporal por meio de algumas práticas de Libras, da execução dos sinais e das expressões faciais ali exigidas, bem como explorar vários elementos essenciais para a língua, que também fazem parte da linguagem teatral (como exemplo o movimento, o gesto, o espaço, a expressão facial, a intensidade), além das técnicas utilizadas no teatro – que exploram a criatividade, a memória e a expressividade corporal (fundamentais para uma boa comunicação).

Dessa maneira, no decorrer de três horas de aula, seguiu-se um planejamento rotineiro, que foi o mesmo aplicado no CEM 02. Porém, como tínhamos um pouco mais de tempo, pudemos estender mais as atividades no reforço dos sinais, revisões e mais práticas, que incluíram: exercício de alongamento, teoria, práticas que estimularam a memória, expressão corporal, interação, dramatização, criatividade e concentração. E, ao final de cada aula, foi feita uma avaliação do que havia sido realizado.

No grupo consolidado, identificaram-se indivíduos de 15 a 50 anos de idade – estudantes do ensino regular, professores, donas de casa, garçõete, auxiliar de Enfermagem, vendedoras e, em especial, um estudante diagnosticado com síndrome de Asperger, um autismo leve. Sobre este último, já nos conhecíamos, pois foi estudante do CEM 02 e sempre teve curiosidade em aprender Libras; sempre estava na porta da sala de aula onde eu estava interpretando para questionar sobre algum sinal específico, a fim de expressar algo para os Surdos; ele era o estudante ouvinte mais interessado em aprender a língua de sinais; e, mesmo sabendo de sua limitação, sempre foi esforçado e carismático com os colegas.

Sem dúvida, o episódio com o estudante com síndrome de Asperger aponta o fato de alguns estudantes que não tem surdez não demonstrarem o interesse em aprender Libras ou ao menos alguns sinais básicos para estabelecer uma comunicação inicial com os estudantes surdos alocados no ambiente escolar. Assim, o estudante, com todo o seu comprometimento e sempre tão complacente com os Surdos, tentava se comunicar, fazer amizades, aprender o mínimo dos sinais, para que os Surdos vissem seu interesse e dessem-lhe atenção. Em compensação, os Surdos se divertiam com ele e ensinavam-lhe um sinal ou outro, mesmo sabendo de sua limitação e que logo ele iria perguntar-lhes a mesma coisa novamente.

Foi uma grande surpresa e alegria sua presença no curso de Libras, pois ali seria possível ofertar-lhe toda a atenção necessária para o aprendizado da língua. Quando de sua chegada, foi apresentado à turma como uma pessoa literalmente especial; sua história foi apresentada e a turma abraçou a causa, no sentido de apoiá-lo e dar-lhe suporte nas atividades de sala; sua felicidade era enorme, pois fez novos amigos, expressava-se livremente, sentindo-se muito seguro por estar ali com aquele grupo – que o recebeu tão bem.

Aquele aluno, em especial, pôde se desenvolver mais social e pedagogicamente; era detentor de boa interação com a turma e lograva aprender direitinho os conteúdos ensinados, dentro de suas possibilidades motoras, sinalizando e expressando-se corporalmente. Por vezes, divertia a turma com suas expressões faciais durante as aulas; ele se sentia à vontade com a turma, sentia-se acolhido – o que o ajudou no desenvolvimento do aprendizado.

Diante do exposto, a seguir, tem-se as imagens das apresentações que foram a culminância do curso, como resultado das experiências vividas com a expressão estética em forma de teatro em Libras. São resultados de todo aprendizado e das atividades e jogos realizados em cada aula, que buscaram ressaltar os elementos utilizados no teatro, como por exemplo, as expressões corporais e a avaliação dos participantes de todo o processo.

Vale salientar que a sala de aula onde se deram as aulas era pequena, sendo a mesma utilizada nos outros cursos de línguas ofertados, cheia de carteiras e sem muito espaço livre, dificultando a realização de jogos que necessitaram de certa movimentação espacial. Portanto, tivemos que explorar alguns espaços externos para realizar algumas atividades que requeriam mais movimentação e espaço, mas que no fim deu tudo certo e o resultado foi muito satisfatório.

De fato, os grupos surpreenderam com a expressividade e a boa sinalização apresentadas. O trabalho corporal foi muito bem aplicado e a clareza dos sinais de Libras levou a todos que assistiam para dentro das histórias.

Foi uma grande alegria perceber o progresso de uma turma que iniciou do zero e chegou a um nível de comunicação considerável em Libras, com uma boa evolução na expressão corporal e facial, como constatado nas figuras a seguir.

Após a finalização das apresentações, as mesmas foram discutidas, onde a turma relatou que foi uma experiência incrível aprender Libras e apresentar uma peça de teatro na língua de sinais, uma vez que muitos nunca haviam experienciado algo assim. Reafirmou-se, então, o crescimento pedagógico e social de todos os partícipes da turma em questão.

Figura 27 – O Sabor da Lua.



Fonte: Elaboração própria.



Figura 28 – A Formiga e a Cigarra.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 29 – A Galinha Ruiva.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 30 – O Casamento de Dona Baratinha.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 31 – Fofoca na Fazenda.



Fonte: Elaboração própria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das proposições analisadas ao longo dessa pesquisa e perfazendo toda a trajetória percorrida por mim durante o processo do ensino de Libras e de teatro no ambiente escolar e na comunidade, percebi que há muito a ser fomentado sobre esse tema. Essa experiência dilatou não só minha percepção como pesquisadora a me instigar e motivar a produção estética e artística no ambiente escolar, como também evidenciou a relevância do impacto que teve na comunidade, por estimular o interesse por aprender uma nova língua. Como os estudantes não tinham o hábito de praticar movimentos corporais específicos da Libras que utilizam só as mãos, o início se tornou bem dolorido; porém, os exercícios de alongamento auxiliaram a amenizar tal sensação e facilitou a realização da sinalização.

Como exposto nos capítulos anteriores, as aulas apresentadas traziam consigo uma variedade de sinalizações e possibilidades de expressões corporais e faciais de acordo com o contexto em que estava inserido. A turma participou efetivamente de todas as propostas sugeridas, que foram absorvidas por todos, cresceu gradativamente, dedicou-se e esforçou-se para realizar as práticas que exigiam movimentação corporal e interação com o outro. E quando questionados sobre a expressividade durante as aulas, eles relataram suas experiências, ao pontuarem o que tinha sido mais significativo. Relato abaixo recortes de alguns depoimentos:

- Hoje, depois do curso, aprendi que cada expressão significa tudo.
- Para o total entendimento de um diálogo em LIBRAS, as expressões faciais e corporais são essenciais. Esse foi um dos principais pontos apresentados no curso.
- Tenho dificuldades em me soltar, me expressar. Mas o curso de LIBRAS tem me ajudado muito!
- Os exercícios em sala foram importantes para soltar as expressões e levar sentimentos ao que falamos.

Nesse ínterim, a cada aula realizada, foi possível notar a evolução dos estudantes não somente em relação ao aprendizado da Libras, mas, também, no desenvolvimento das expressões corporais. Os estudantes iniciaram o reconhecimento de um corpo expressivo como um instrumento de comunicação, da diversidade de movimentos, que era possível executar. Esse resultado confirma o que afirma Gois, Nogueira e Vieira (2011, p. 05), que “[...] essas formas de expressão corporal podem ajudar na realização de uma leitura da comunicação intrapessoal, interpessoal e intergrupar”.

Os jogos também ajudaram para que eles tivessem conhecimento de seu corpo e de toda extensão de movimentos possíveis que poderiam corporificar. Com o decorrer das aulas, a sinalização se mostrou mais fácil e clara, as expressões faciais já eram visíveis em vários diálogos e, com a evolução individual, eles passaram a ter mais segurança na sinalização da Libras e confiança em seu potencial expressivo e na comunicação em Libras. Segundo depoimento dos alunos:

- A comunicação/sinalização sem expressões é como desenho sem cor. Perde o sentido e a intensidade do que será dito.
- De muita importância, digamos que a expressão é a alma da palavra, tem papel fundamental para eu se consiga entender, ajuda a dar sentido ao que está sendo dito.

Os estudantes ainda perceberam o potencial expressivo que o corpo possui e a importância do uso das expressões para se comunicarem e transmitirem informações, entenderam a relevância da linguagem corporal no ato comunicativo, de modo que o receptor da mensagem entenda com clareza, confirmada pela citação de Brecailo (2012, p. 04):

A linguagem corporal na comunicação em LIBRAS é um fator importante e muitas vezes decisivo, principalmente quando os sinais devem transmitir uma mensagem e demonstrar congruência entre a informação sinalizada e sua linguagem corporal, uma vez que somente assim a mensagem poderá ser eficaz. A linguagem corporal é um componente da comunicação que devemos ter muito em conta porque proporciona informação sobre o caráter, às emoções e as reações das pessoas.

Todo o progresso que tiveram durante o período de realização das aulas culminou em eventos que foram evidenciados nos trabalhos finais. Durante o trabalho realizado internamente, em sala de aula no CEM 02, puderam apresentar as cenas teatrais para os colegas de turma e outros alunos de outras turmas que ficaram nas janelas apreciando as apresentações. Salientando o impacto desse trabalho, tiveram a honra de se apresentar para alguns Surdos Universitários e convidados do 14º BPM que lá se encontravam no momento. Nessas apresentações teatrais, puseram em prática o aprendizado e suas impressões adquiridas durante o curso. Foram apresentadas pequenas montagens em que se empenharam coletivamente desde a escolha ou criação do texto, na busca de estratégias para a interpretação da história em Libras e nas expressões corporais contidas em cada frase.

O teatro, sem dúvida, é um lugar onde se permite exteriorizar sentimentos e sensações na interpretação de papéis; é o espaço onde se criam e recriam personagens; onde a imaginação e improvisação são recursos essenciais para uma atuação cênica; é um lugar de entrega, de doação e compartilhamento.

Sucintamente, no ambiente escolar, os estudantes observaram no teatro uma oportunidade de se desvencilharem das barreiras da timidez e do medo para viver novas experiências dramáticas, desenvolvendo suas expressões corporais e faciais que corroboraram com suas comunicações na socialização com os seus pares.

Após as temáticas estudadas e a aplicação do projeto de pesquisa, refleti sobre todo o processo na medida em que ia acontecendo e analisei as relações entre o ensino da Libras e a atuação cênica. Ao passo que constatei que as expressões corporais utilizadas no teatro são as mesmas que fazem parte da estrutura gramatical da Libras, o teatro tornou o aprendizado mais fácil, prazeroso e dinâmico, e os jogos permitiram uma interação entre os participantes de modo que as relações afetivas foram se estreitando e possibilitaram uma comunicação mais intensa.

Durante todo meu processo de ensino e aprendizagem de Libras, desde minha inserção na língua até os dias atuais, motivei a disseminação dessa língua no ambiente escolar e, de alguma forma, isso impactou também em outros estudantes que puderam ter essa experiência, esse contato com a Libras, durante sua passagem pelo CEM 02, em que relatam um pouco dessa experiência nos depoimentos abaixo:

“Comecei a aprender Libras na escola quando estava no terceiro ano do ensino médio. Estudei no Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina-DF e me lembro que, à época, havia alguns surdos que migraram do ensino fundamental para o médio. Como sempre fui curioso, me interessei pela língua de sinais logo que vi aquela pequena comunidade linguística se comunicando entre si. Me lembro, ainda, de me aproximar das professoras e intérpretes para perguntar alguns sinais. A Ariane, que já havia sido minha professora de Artes Cênicas em outras séries, numa dessas oportunidades, me disse que a melhor forma de aprender Libras era mantendo contato com os surdos. Assim, então, fiz ao longo do meu último ano na escola. A partir daí, tive uma das experiências mais incríveis na minha vida e que contribuiu para que eu me tornasse professor e tradutor e intérprete de Libras e Português. O contato com a comunidade surda, primeiramente escolar e depois religiosa, me abriu portas para que eu me tornasse um amigo dos surdos, um tradutor e intérprete e, então, um linguista. Mas para isso, eu precisei de todo o apoio e motivação da Ariane Fernandes que, além de educadora, se tornou uma grande amiga” (Eduardo Felten).

“Meu interesse inicial por Libras aconteceu na escola. Durante as aulas ficava admirando a fluidez da língua pelas mãos dos colegas surdos e da intérprete, mais parecia o declamar de uma poesia silenciosa. Disposta a interagir com o grupo de surdos da escola, me dispus à aprender Libras, tentando estabelecer contato com os colegas, aos poucos fui evoluindo. Mas só no terceiro ano do Ensino Médio encontrei minha maior incentivadora, a intérprete da minha sala, Ariane. Ariane estava sempre disposta a ajudar os alunos não-surdos interessados em aprender a língua de sinais. Ela me incentivava, me ensinava, corrigia e assim fui me encantando cada vez mais e tendo a clareza do que eu queria para mim. E se posso dizer que alguém plantou essa sementinha em meu coração, sem dúvida, foi o incansável incentivo da Ariane. Sem palavras para expressar tamanha gratidão” (Jéssica Laís).

Essas vivências foram como uma guinada na minha vida docente. Sempre busquei adquirir conhecimento na área de Libras para que pudesse compartilhar com meus alunos. Sempre há o que se estudar, o que pesquisar e isso só depende de nós e da nossa vontade de aprender e crescer cada vez mais. E, dentro desse percurso em busca de aperfeiçoamento, cheguei ao mestrado e à descrição da minha pesquisa.

Com isso, ampliei o olhar para o ensino de Libras e o ensino de teatro e compreendi que é possível, a partir do exercício da linguagem cênica e sua vasta viabilidade de expressões, estabelecer uma comunicação corporal com um sujeito Surdo. Se este exercício perpassar pelo ensino de Libras, certamente será possível chegar a uma comunicação satisfatória entre sujeitos Surdos e não surdos. Com essa experiência, consegui ponderar sobre caminhos e possibilidades para a ampliação da expressividade corpórea de estudantes no processo de ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, a partir da experimentação estética teatral como facilitador pedagógico na e para a dilatação do conhecimento como especificada na oficina relatada anteriormente.

A todo esse processo de aquisição do letramento em Libras e da construção do conhecimento por meio de uma experiência artística cênica como potencializadora desse processo de ensino e aprendizagem, é que finalizamos essa pesquisa com a citação abaixo de Berselli e Lulkin (2014, PL 114):

O teatro no cotidiano escolar de um grupo minoritário atua como agenciador de novos papéis, possibilitando ao aluno experimentar diversas funções de caráter flutuante. Mais do que uma abertura à criação cênica, as oficinas de teatro permitem criar um espaço de verdadeiro compartilhar, desestabilizando determinadas hierarquias e apontando novos horizontes de atuação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A GUERRA do fogo.** Direção: Jean-Jacques Annaud. Produção: John Kemeny. France, Canadá, United States of America: Belstar Productions, Ciné Trail, Famous Players, International Cinemedia Centre Ltd., Royal Bank, Stéphan Films, 1981, 1 DVD.

ARTAUD, A. O teatro e seu duplo. São Paulo: Max Limonad, 1984.

AZEVEDO, S. M. **O papel do corpo no corpo do ator.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

BERSELLI, M.; LULKIN, S. A. Compartilhar e criar na vulnerabilidade e no risco: a experiência de uma aula de teatro com alunos surdos. **Revista da FUNDARTE**, a. 14, n. 28, p. 101-115, jul./dez. 2014.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967.** Brasília, 1967. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao67.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm)>. Acesso em: 21 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 21 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Regulamenta a Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília, 1999. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm)>. Acesso em: 22 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 23 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 7.853 de 24 de outubro de 1989.** Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Brasília, 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm)>. Acesso em: 22 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 8.160, de 08 de janeiro de 1991.** Dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva. Brasília, 1991. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8160.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20de,pessoas%20portadoras%20de%20defici%C3%Aancia%20auditiva.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8160.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20de,pessoas%20portadoras%20de%20defici%C3%Aancia%20auditiva.)>. Acesso em: 22 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)>. Acesso em: 22 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 22 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.845, de 05 de março de 2004.** Institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.845.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.845.htm)>. Acesso em: 23 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 11.796, de 29 de outubro de 2008.** Institui o Dia Nacional dos Surdos. Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111796.htm)>. Acesso em: 23 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LÍBRAS. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10>>. Acesso em: 23 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br>>. Acesso em: 21 set. 2019.

BRECAILO, S. F. **Expressão facial e corporal na comunicação em LIBRAS.** Curitiba: Prefeitura de Curitiba, 2012.

BUARQUE, C.; BARDOTTI, S. **Os saltimbancos.** Mus. de Luís Enriquez Bacalov. Ilustr. de Ziraldo. 10. ed. São Paulo: Autêntica, 2016.

CARVALHO, J. A. **Expressividade do corpo e o ensino de teatro na escola.** Pará de Minas, MG: Virtual Books, 2013.

FREITAS, C. R. C. **Processo de compreensão e reflexão sobre a iniciação teatral de Surdos.** Brasília, 2014.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GOIS, A. K.; NOGUEIRA, M. F. M.; VIEIRA, V. V. A linguagem do corpo e a comunicação nas organizações. Revista Anagrama: **Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, a. 4, ed. 4, p. 1-12, jul./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35533/38252>>. Acesso em: 27 set. 2020.

KATO, M. A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.



LACERDA, C. B. F. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. **Espaço**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 30-40, dez. 1998.

LECOQ, J. **O Corpo Poético**: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MEYERHOLD, V. **Teoria teatral**. Trad. de Augustin Barreno. 4. ed. Madrid: Fundamentos, 1982.

MOITA-LOPES, L. P.; ROJO, R. H. R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares de Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB/DPEM, 2004, p. 14-56.

**O MILAGRE de Anne Sullivan**. Direção: Arthur Penn. Produção: Fred Coe. United States of America: Playfilm Productions, 1962, 1 DVD.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Conferência Mundial sobre Educação Especial. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

PEREIRA, M. C. C. (Org.). **LiBRAS**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. **Aquisição da língua de sinais**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras – Libras na Modalidade a Distância, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RESENDE, L. S. R.; MAGALHÃES, M. G. Periódico Científico do Instituto Nacional de Educação dos Surdos. **INES - Revista Espaço**. Rio de Janeiro, nº 54 jul-dez. 2020.

RIBAS JR, F. B. **Educação e protagonismo juvenil**. Prattein. Novembro, 2004.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAMU Natal inclui símbolo internacional de surdez em treinamentos. In: **Ascom Cosems-RN**, 12 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.cosemsrn.org.br/noticias-municipais/samu-natal-inclui-simbolo-internacional-de-surdez-em-treinamentos/>>. Acesso em: 22 set. 2019.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Linguagem & Educação).

SOMACAL, A. **Memória na ponta dos dedos**: sistematização de práticas de teatro com surdos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2014.

**TEMPOS modernos.** Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. United States of America: Charles Chaplin Productions, 1936, 1 DVD.

VELOSO, J. G. **Benedito:** imaginário e tradição no interior de goiás e o teatro gestual da cia dos homens. Brasília: Thesaurus, 2008.

VITTORI, C. Resquícios do corpo sonoro em Antonin Artaud e Klauss Vianna. **Boitatá**, Londrina, n. 15, p.47-59, jan./jul. 2013.

ZAGORNEL, B. **Arte na educação escolar.** Curitiba: IBPEX, 2008.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Prof-Artes**

Mestrado Profissional em Artes



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

### MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

#### BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012.

Prezado(a) Senhor(a)

Esta pesquisa com o tema “**DO SILÊNCIO AO DIÁLOGO: proposições para o ensino de Libras por meio do teatro.**” estará sendo desenvolvida pela professora Ariane Patrícia da Silva Fernandes da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEE/DF, no Curso de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, do IDA - Instituto de Artes da Universidade de Brasília-UNB, sob a orientação do Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro.

O objetivo do estudo é investigar o uso das expressões corporais e faciais no ensino de Libras Básico e refletir sobre essas expressões nas ações teatralizadas e sugerir estratégias educacionais práticas para as aulas de artes cênicas, a serem experienciadas com alunos surdos e não surdos em sala de aula, contribuindo com a aquisição de conhecimentos corporais e pedagógicos, corroborando com a inclusão de alunos com surdez no meio social e potencializando a disseminação da Libras na comunidade em que vivem.

Solicitamos a sua colaboração para autorização que esta pesquisadora realize esta pesquisa durante o ano de 2019 na comunidade escolar e geral, em parceria com o projeto do 14º Batalhão de Polícia do Distrito Federal (14º.com), na realização de um curso de Libras, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de arte e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa é voluntária e, portanto, o(a) Senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo(a) Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir deste, não sofrerá nenhum dano. Os(as) pesquisadores(as) estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

Assinatura do Orientador da pesquisa

---

Assinatura da pesquisadora responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos deste estudo, declaro o meu

consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Planaltina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador(a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora – Telefone: 991989849  
email: arianepati@hotmail.com

**APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E NOME  
PARA ADULTOS**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E  
NOME – ADULTO**

Eu, \_\_\_\_\_, profissão  
\_\_\_\_\_, portador(a) da cédula de Identidade nº \_\_\_\_\_, e CPF  
sob o nº \_\_\_\_\_, residente no endereço  
\_\_\_\_\_, **autorizo** a pesquisadora

Ariane Patrícia da Silva Fernandes, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, com pólo na Universidade de Brasília – UNB, o uso e a reprodução da minha imagem, do meu nome e do som da voz, podendo inseri-las nos documentos e arquivos do seu projeto de pesquisa, bem como em materiais audiovisuais para publicação na biblioteca virtual, revistas de pesquisas acadêmicas, seminários, congressos, nos sites das instituições realizadoras e em canais para consulta online, com fins educacionais, destinados à formação de estudantes. Fica estabelecido que, pela minha participação, não serão pagos quaisquer **valores em dinheiro, nem por direitos autorais, nem por direito de uso de imagem, nome e de voz. O uso de imagens, nome e de voz será realizado** sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, sendo vetada a utilização da imagem, nome e da voz para campanhas publicitárias de qualquer natureza.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Entrevistado

**APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E NOME  
PARA MENORES DE IDADE**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E  
NOME – MENOR DE IDADE**

Eu, \_\_\_\_\_,  
profissão \_\_\_\_\_, portador(a) da cédula de Identidade nº \_\_\_\_\_,  
e CPF sob o nº \_\_\_\_\_, residente no  
endereço \_\_\_\_\_, responsável legal  
pelo(a) menor \_\_\_\_\_, portador da cédula  
de identidade no \_\_\_\_\_, autorizo a pesquisadora Ariane Patrícia  
da Silva Fernandes, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Artes da  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, com pólo na Universidade de Brasília  
– UNB, o uso e a reprodução da minha imagem, do meu nome e do som da voz, podendo  
inserir-las nos documentos e arquivos do seu projeto de pesquisa, bem como em materiais  
audiovisuais para publicação na biblioteca virtual, revistas de pesquisas acadêmicas,  
seminários, congressos, nos sites das instituições realizadoras e em canais para consulta  
online, com fins educacionais, destinados à formação de estudantes. Fica estabelecido que,  
pela minha participação, não serão pagos quaisquer valores em dinheiro, nem por  
direitos autorais, nem por direito de uso de imagem, nome e de voz. O uso de  
imagens, nome e de voz será realizado sem limitação de tempo ou do número de  
utilizações/exibições, sendo vetada a utilização da imagem, nome e da voz para campanhas  
publicitárias de qualquer natureza.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável Legal pela entrevistado

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO



Projeto de Pesquisa do Programa de Mestrado Profissional em Artes e 14°.com

Responda o questionário a seguir de acordo com sua vivência e sua trajetória no curso de Libras Básico.

1) Quanto a sua expressividade:

( ) 😊

( ) 😐

( ) ☹️

Justifique:

2) Quanto ao desenvolvimento da sua comunicação de modo geral:

( ) 😊

( ) 😐

( ) ☹️

Justifique:

3) Quanto ao seu comprometimento com o curso:

( ) 😊

( ) 😐

( ) ☹️

Justifique:

4) Quanto a sua aprendizagem:

( ) 😊

( ) 😐

( ) ☹️

Justifique:

5) Quanto as estratégias de ensino da professora:

( ) 😊

( ) 😐

( ) ☹️

Justifique:

6) Você recomendaria o ensino de Libras para outras pessoas? Justifique:

7) Como você avalia a importância das expressões para a comunicação?

8) O que poderia ser melhorado?

9) Que atividade mais gostou?

OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!

Professora Ariane Fernandes